

Gilvan Fogel

Universidade Federal do Rio de Janeiro

I

1. Deixando de lado o rigor das datas ou a precisão do calendário historiográfico, mais ou menos a partir da segunda metade do século dezenove, entrando pelo vinte adentro e afora, valor passa a frequentar a história da filosofia e a nos solicitar a toda hora. Há até quem faça remontar a noção de valor a Platão — *idéa* seria valor. Começa, então, a surgir uma axiologia, uma teoria ou filosofia dos valores, em certos meios, também denominada *estimativa*, em cujo horizonte *ser, ser verdadeiro*, dizem, de modo geral, passa a ser *equiparado* a valor. *Equiparado, equi-valente*, isto é, passa a corresponder a valor ou *valer* igual a valor!

Ainda de modo geral, *grosso modo*, as diversas teorias ou concepções de valor (Lotze, Brentano, Meinong, Rickert, também N. Hartman e mesmo a fenomenologia de M. Scheler) crescem e se fazem sob o fundo, explícito ou não, da metafísica moderna da subjetividade ou da autonomia da consciência. Assim sendo, explicitamente ou não, tais teorias ou tais concepções de valor trazem à tona esta fundação, a saber, a subjetividade autônoma, e então, por esta via, tais teorias de valor assumem perfis subjetivistas (transcendentais ou não), psicologicistas, antropocêntricos ou antropomórficos. Caricaturando: de um lado, do lado de cá, tem-se o sujeito que valoriza, ou seja, o valor; do outro lado, do lado de lá, a coisa, o objeto valorizado, o *real*, ao qual o valor *adere*, isto é, se cola, se acrescenta, se soma. Daí vem, virá o direito de se falar, por um lado, de *juízo de valor* e, por outro, de *juízo de existência* ou de realidade. Ou seja, valor é, seria *coisa* criada, posta e proposta pelo homem, pela subjetividade humana, ou alguma outra entidade, natural ou supranatural (a *cultura*, p.ex.), que então é *anexada* às coisas, ao *real*, o qual é visto, subentendido como um algo em si, *objetivo*, como uma objetividade ou uma *coisidade* paralela à autonomia do sujeito. Ou seria o contrário, quer dizer, teriam os valores uma realidade (um *valor!*) em si e as coisas, isso que se chama, às vezes, *ser das coisas*, do *real*, se fundaria nestes valores em si?! O fato é que, de qualquer modo, continuaria a predominação de dois planos, de dois estratos — o do valor ou valores e o da coisa, das coisas ou do *real*, da realidade em si, *objetiva*. Tudo se faria, se daria como uma relação binária ou biunívoca entre *real*, coisa, objeto e (+) valor. Em última instância, prevalece, prevaleceria sempre a pré-compreensão que hoje, a toda hora, nos é instilada, no grito ou no sussurro, pela boca de nossos empresários, homens de negócio, de propaganda, de venda

e de *marketing*, que, quando querem nos enfiar alguma bugiganga goela abaixo, nos falam doce e candidamente de *valor agregado*. Isso é a pedra de toque do tempo e da hora, com a qual se quer dourar toda pílula, tornar palatável toda e qualquer pedra ou osso indigesto. Valor é, seria *coisa agregada*, isto é, somada, acrescentada às coisas, ao real. Anexada, aderida — um *encosto*! De modo geral, habitualmente, com pequenas nuances, variações e sutilezas lógico-dialéticas ou intelectuais — enfim, habitualmente entende-se e subentende-se valor de acordo com o esquema acima caricaturado. Bem, mas *encosto* é coisa para se *tirar*... Oxe! Saravá!!

2. Neste contexto de segunda metade do século dezenove, considerando porém a índole de seu pensamento como um todo, principalmente em relação à própria época moderna, cartesio-kantiana, querer-se-á, agora e aqui, destacar o pensamento de Nietzsche e, a partir dele, esboçar uma compreensão de valor, isto é, de realidade, toda e qualquer, a partir de valor. Melhor: como valor. Dito de maneira contundente e paradoxal: coisa, real, toda ou todo e qualquer, *é* valor. Dito de um modo mais consequente: coisa, real, todo e qualquer, *não é*, mas *vale*. É assim que Nietzsche, de modo claro, direto e incisivo, formula sua compreensão: “... o *isso vale* é propriamente o *isso é*, o único *isso é*”¹.

A formulação de Nietzsche é, sim, contundente, porém nada clara. Mas justamente esta formulação será nosso ponto de partida e precisamos esclarecer a compreensão, antes, a pré-compreensão ou, melhor ainda, a sub-posição contida nesta afirmação. Para começar, perguntemos: o que *é* valor? Como se determina e se caracteriza valor? Claro, perguntando “o que *é* valor?” parece que nós mais nos desorientamos da questão do que propriamente para ela nos voltamos, pois valor *não é*, mas *vale*, quer dizer, ao se dizer *vale*, está-se a dizer que não se trata de um *é* que apontaria para um *algo objetivo*, dado, à maneira de uma ocorrência do mundo externo, *fático* (ou seria *interno, subjetivo*, de constituição subjetivo-transcendental, mas não *axiológica*?!). No entanto, assim perguntando (a saber, o que *é* valor?), é que, inicialmente, tomaremos nosso rumo, pois, afinal, este *é* (ser) nos guia e nos determina por toda parte, a toda hora, em tudo que somos e fazemos.

Diz-se, por exemplo: um homem de valor; uma ação de valor; um político (!), ou um cientista, ou um soldado de valor; uma obra (de arte) de valor. No caso da arte (do político?!), de imediato, tende-se até a se pensar na bolsa, no leilão de arte de Londres, e se entende sob valor o preço da obra, que seria como o preço/valor de uma mercadoria qualquer e coincide com o que o comércio chama *valor* (ou poder) *de troca*. Mas quando digo um homem, um político (sejam homens de boa vontade!), um cientista, um soldado, uma ação ou uma obra de valor, em geral, de imediato, não se pensa em preço, em *valor*

¹ Cf. Nietzsche, F., KGW VIII-1, 2[150], p. 138 ou *A Vontade de Poder*, Contraponto, Rio de Janeiro, 2008, nr. 556, p. 291, trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes/Francisco José Dias de Moraes.

(ou poder) *comercial de troca*. Em questão está algo como honradez, importância, mestria, talento, dignidade, valentia, coragem, excelência.

Se formos exigidos, desafiados a esclarecer, em cada caso referido, o que se entende sob valor ou sob o fundo de todas as conotações mencionadas, ver-se-á que valor, em cada caso, quer dizer algo como *força, uma força*. Um homem (um político, um cientista, uma ação, uma obra) de valor, isto é, *dotado* (! então é mesmo encosto!?) de uma *força* ou de um *poder* tal que o faz ser, quer dizer, *aparecer e mostrar-se*, como tal homem (político, cientista, ação, obra) que é. O valor, isto é, a força, o poder, o destaca, o *evidencia*, o singulariza, no sentido que o mostra, o revela ou o faz aparecer e ser *tal como é, tal como se mostra* ou aparece. Valor se determina como força, como poder de mostraçã, de revelaçã, quer dizer, de revelar, de mostrar e, assim, fazer ser e aparecer o que é e há *tal como há e é*. Isso *vale*.

3. Valor é força. Valor *vale* (!) força. Co-responde? Equi-vale? Valor é, seria *algo*, uma *medida*, que se atribui, ou seja, que se acrescenta às coisas? Não. Valor é força e coisa, toda e qualquer, não é *coisa*, mas força. Formulado de outro jeito: coisa (real), toda e qualquer, é (aparece como tal) à medida que é força fazendo-se, tornando-se força, quer dizer, *valorando-se* como *esta* força que faz ser isso que é tal como é. Coisa, toda e qualquer, é o irromper e assim o pôr-se e impor-se de força-valor ou de valor-força se fazendo, se realizando, se concretizando. Mas como é isso propriamente? E: o que é força?

Para se esclarecer esta formulação meio hermética e para se evidenciar o alcance e a intensidade da fala “o *isso vale* é o autêntico, o real, o único *isso é*” — para tanto, é preciso colocar-se a velha pergunta que orienta, que pontua toda a filosofia, toda a metafísica ocidental-européia, a saber, o que é o real? Tí tó ón? Aqui está a coisa — “Hic Rohdus hic salta!”

Tomando Nietzsche como nosso ponto de partida e como nosso fio condutor, é preciso dizer: a realidade primordial, i-mediata, é vida. Realidade primordial, imediata, quer dizer: a realidade que, primeira e i-mediata (sem mediação, sem intermediação), se realiza em todo e qualquer possível realização de realidade, em todo e qualquer movimento de alteração e de transformação de todo real (coisa) — tal realidade é vida. Vida, assim, relendo um dito de Heráclito, é o mesmo que se altera ou se diferencia no jogo de toda multiplicidade, de tudo quanto há e é. Vida é o mesmo, mas de outro *jeito*, de *outra maneira*, “no jogo do devir”, “im Spiel des Werdens”, diz Nietzsche.

Assim, vida é o jogo (isto é, repetição ou retomada na diferenciação, na alteração) de superficialização (aparecer) e concretização-diferenciação do devir, da multiplicidade, enfim, como se disse, de tudo quanto há e é. Mas e vida — o que é isso? Pelo que se disse, então, vida é, seria valor? Um supervalor, o valor dos valores, a força das forças? Vida, tomada em si e por si, não é valor algum, não vale nada, mas ela, no entanto, só se mostra,

só se concretiza ou se realiza — *só pode* mostrar-se, aparecer, concretizar-se ou realizar-se desde e como valor, isto é, desde e como força ou poder. Um breve esclarecimento, como limpeza de terreno e como balizamento, definição de rumo: vida, da qual aqui se fala, não é nada que se identifique sob o olhar acurado de um microscópio eletrônico e que se quantifique e se antecipe matematicamente (numericamente, em *dígito*) em algum moderno laboratório de biotecnologia. Vida, aqui, não é nada biológico, mas um fenômeno, um acontecimento muito mais simples, primário, elementar e que é o fundo, o ponto de partida ou o pré-suposto de toda e qualquer pesquisa biológica, de toda e qualquer moderna investigação biotecnológica: o fenômeno, o acontecimento elementar do irromper, aparecer, fazer-se luz, tornar-se visível. Este, *sim*, é o *dado primário, imediato, elementar*.

Este acontecimento inaugural, fundador, arcaico (“arché”), é súbito, imediato, isto é, sem mediação ou intermediação. Salto. “Ursprung”, “arché”, origem como o arqui-salto, o proto-salto (“Ur-sprung”). Tão só salto. Pura e simplesmente: salto.

Porque é e dá-se como salto, quem está na determinação e no sentido (envio) deste salto, deste acontecimento — o homem e só o homem —, ao dar-se conta já está, já se vê sempre *dentro*, isto é, sempre já *na* e *sob a* determinação deste salto, deste acontecimento. E isso, a saber, esta situação *de sempre já dentro* ou de *inserção* — é isso que pretende dizer e mostrar *círculo*, começo (“arché”) circular. O termo, a expressão círculo é, pois, a tentativa de *espessar*, de *imagificar*, ou seja, de tornar denso, espesso e imagem, *algo, um acontecimento*, a saber, o súbito e o ab-rupto de vida como começo, que, na verdade, não *tem* e não é imagem alguma, nada palpável, *coisa* alguma, *algo* nenhum. Mas só e tão só um acontecimento que é um *modo de ser*, o modo de ser do homem, do vivente por excelência, a saber, *vida* aparecendo e dando-se ou mostrando-se *como tal*. E, por isso ainda, ou seja, por ser súbito, imediato, da constituição de círculo ou de inserção — por isso, é igualmente *páthos*, afeto ou afecção. É *páthos*, afeto, pois por tal acontecimento, o homem, que é por excelência o vivente *afetável, tocável* — enfim, por tal acontecer ou dar-se, o homem *já está sempre* tocado ou tomado. Esta estrutura, esta forma (=gênese ontológica), define vida, *psyché*, que, na sua irrupção ou no seu fazer-se visível *como tal*, revela-se como o dar-se ou o mostrar-se do movimento que, desde si mesmo (salto, súbito, imediato, círculo, inserção, afeto), move a si mesmo. Um *automóvel*...!

E a isso, a este acontecimento, estrutura ou forma (=gênese ontológica), Nietzsche, em certa hora de sua reflexão, denominou vontade de poder, vontade *para* (“zur”) o poder. E: por que vontade de poder? Como, por que vontade? E poder — por que, como?

Entendamos vontade como a espontaneidade, a disposição ou a pré-disposição espontânea, isto é, gratuita, desde ou a partir de nada, de coisa ou de algo algum e, portanto, também sem nenhuma intenção, sem nenhum propósito — enfim, vontade como o movimento espontâneo *para* (“zur”, “zu der”) o aparecer, mostrar-se, fazer-se luz ou iluminar-se. Dizemos, traduzimos: vontade de poder. Pode-se dizer: *do* poder. Nietzsche escreve: “Wille zur Macht”. Este “zur” (“zu der”) diz: *para, em direção a*. Portanto, *para, em*

direção a o poder. Poder?! Como? O que é? Poder é o próprio e o só aparecer, vir à luz, mostrar-se ou fazer-se visível e, assim, *como tal*, pôr-se, impor-se, *imperar*. Em puro, gratuito transbordamento, superabundância. O movimento que é a vida *quer* (tende, propende gratuita ou espontaneamente *para*) *isso*, quer dizer, *gosta* (“mögt”, de “mögen”, querer, amar, gostar) *disso* e daí vem, provem “Macht”, poder. “Macht”, poder, é a cumulação, a perfeição de “mögen”, de amar, gostar, querer, enquanto, no caso, movimento *para* aparecer, *para* a luz. Isso aparece na nossa fala cotidiana, descuidada e desavisada, quando para dizer “eu gosto de você”, “eu te amo”, se diz “eu te quero”. Também em alemão: “Ich möge Dich”.

Aqui impõe-se uma observação importante: o homem não é o autor, a causa, o sujeito ou o *dono* deste movimento (desta vontade, da vida), mas é a instância, quer dizer, como que o lugar e a hora, em que ela (a vontade, a vida), *como tal*, aparece, se dá, faz-se. Tal acontecimento ou evento *vem sobre* o homem, portanto, *lhe sobre-vem*. E isso muito *oportunamente*, num feliz acaso, pois sobre o homem ele (o acontecimento, a vontade, a vida) *pode* vir, sobrevir, e tomá-lo e dele apoderar-se, pois ele, o homem, é o modo de ser que é o *apoderável*, isto é, o tocável, o tomável, o afetável e, então, *pode* ser e estar na necessidade de um tal evento, de um tal acontecimento, a saber, a vida. Foi dito: *pode* ser e estar na necessidade, isto é, na determinação deste acontecimento, deste *fatum*. Este *pode*, esta *possibilidade*, se refere a uma dimensão ontológica, vital-existencial do homem, da vida humana, e, então, é uma *necessidade*, constitui-se numa necessidade. No homem, na vida humana, tudo que é possibilidade ontológica, vital-existencial é necessidade, faz-se como necessidade. Aqui não se trata de lógica e de contingência lógica — *pode ser ou não!* Não. Aqui, *realidade* não está acima de possibilidade. Aqui, possibilidade é necessidade, incontornável necessidade.

Antes e fora disso, deste aparecer e impor-se como tal, não há, não pode haver nada — isto é, nenhum acontecimento, nenhum outro propósito, intenção, *sentido*, fim ou finalidade. É falsa, é inoportuna a fala de *antes e fora*, pois, no caso, não há *antes*, não há *fora*. Tudo, todo real possível, já é, já se dá ou acontece desde, a partir deste fato ou *fatum* e, por isso, assim, já é sempre *dentro* — entenda-se, já no âmbito, na circunscrição de círculo, quer dizer, de salto, inserção, *páthos* ou afeto, que abre, instaura o *fatum* homem-real. É a partir de tal acontecimento ab-rupto, só a partir dele que se falará, que se *poderá* falar de *dentro e fora*, de *antes e depois*. Este proto-fato ou arqui-acontecimento, a vida, denominado vontade de poder, é aparecer e só aparecer, vir à luz — desde nada, para nada. Pura doação, gratuidade. O *puro*, de “*pura* doação”, diz *gratuito*, ou seja, *sem porquê e sem para quê*. Sem causa (autor), sem fim (finalidade). Aqui não entra nem arqueologia e nem teleologia.

À guisa de rápida observação, diga-se que há *uma* ou *alguma* vontade, um certo tipo ou modo de vida ser e se fazer, já mediada ou intermediada pelo homem, desde certas idiossincrasias humanas, demasiado humanas, que *precisa* dominar, que *precisa* submeter ou subjugar. Este tipo, este modo de ser quer domínio, dominação, subjugação para *gozar*

de *seu* poder (algo narcísico e onanístico) e assim assegurar-se, auto-assegurar-se de *sua* própria vontade, de *sua* própria força, de *seu* próprio poder. Mas este tipo de vontade, de vida, é vontade *fraca*, servil, escrava. É a vontade rebelada, marcada, pois, por revolta, ressentimento e vingança — o “espírito de vingança”. No entanto, a vontade, a vida, que é *forte*, que é *nobre* — que é superabundância, satisfação e suficiência de si mesma para si mesma — esta é pura irrupção, puro aparecer e expor-se para, no mesmo ato ou instante, perder-se, largar-se, abandonar-se, esquecer-se, deixar de ser (abrir mão, despedir-se, *morrer* — cf. *Zarathustra*, I, *Da morte livre*), para, assim e então, poder voltar a ser ou aparecer em transbordamento, em doação e fartura. *Re-ser*.

Aqui e agora, porém, não é tempo, não é hora, para se esclarecer esta dinâmica de vida, de vontade, a saber, por um lado, a escrava, a servil e, por outro, a nobre, a aristocrática, a excelente.

Referimo-nos, acima, à vida, à vontade de poder, como o acontecimento súbito, imediato — irrompido, eclodido em salto, como salto e, por isso, sempre já como círculo, circularidade e *páthos*, afecção. Agora, inventariamos rapidamente alguns testemunhos de Nietzsche, à busca, por sua parte, de formulação desta *visão*, desta intuição, melhor, desta *experiência* de origem, de fundamento — de *origem*, que não é e não *tem* começo; de fundamento sem fundo, a-byssal. Referindo-se à vida como vontade de poder e buscando melhor formular este proto-acontecimento ou este acontecimento arcaico, Nietzsche fala de vontade de poder “como o último *Fatum* ao qual descemos, recuamos ou retrocedemos (“...das letzte *Fatum* zu dem wir hinunterkommen”)². O “último *Fatum*”, isto é, o primeiro, o primordial, no sentido de arcaico, de *elementar* ou originário (i.é, sem data, sem ordenamento cronológico ou cronométrico, para trás ou para frente). Primeiro ou fundador, no sentido da condição (incondicionada, pois salto, imediatidade) a partir da qual qualquer enumeração ou ordenamento se faz possível. E “*fatum*”, isto é, *feito*, *efetuado*, *realizado* (por *nada*, *nenhum*, *ninguém*), uma vez que irrompido em salto e, assim, como já visto e dito, se *pondo* e se *impondo* como o que irremediavelmente se dá, faz-se, acontece. Por isso ainda, Nietzsche refere-se a este acontecimento, a este “*fatum*”, como “das *Urgesetzt*”³, isto é, a lei arcaica, originária, fundadora. Mas lei, em alemão “*Gesetzt*”, soa como o *posto* (particípio passado de “*setzen*”, pôr, colocar), então o *posto* ou *dado i-mediato*, *de cara* (“*Ur-*”). Ainda em uma anotação do começo do ano de 1888, Nietzsche escreve: “A vontade de poder (i.é, a vida) não é um ser, não é um devir ou um vir a ser, mas um *páthos* é o fato (“*Tatsache*”) mais elementar, a partir do qual dá-se um devir, um atuar ou fazer-se”⁴.

Vida, vontade de poder, caracteriza-se como um *páthos*, isto é, como um afeto ou uma afecção e, por isso, *graças a isso*, dá-se como “o fato, o acontecimento mais elementar”. É preciso entender, é preciso ouvir em *páthos* (afeto, afecção) *experiência*, a qual abre,

² Cf. Nietzsche, F., KGW, VII-3, 40[61], p. 393.

³ Cf. Nietzsche, F., KGW V-2, 11[157] p. 400.

⁴ Cf. Nietzsche, F., KGW, VIII-3, 14[79], p. 51 ou *A Vontade de poder*, op. Cit., nr. 635, p. 325.

inaugura um movimento e sustenta-o à medida que o *acompanha* ao longo de, atravessando-o, *perpassando-o* e, assim, de algum modo, movendo-o e promovendo-o. Assim, experiência (*páthos*) abre, inaugura uma *viagem* — é isso que diz o alemão “Erfahrung” (de “fahren”, que é *viajar*). O nome desta *viagem* (movimento, ação, atividade de *páthos*) é, será *história* — a vida, a força (*essência, gênese*) do real. Nisso, a saber, abertura de um movimento e inauguração de uma viagem, que se faz história, está propriamente a experiência de experiência contida em “Erfahrung”.

E isso, tal experiência ou *páthos*, constitui-se no “fato, no acontecimento mais elementar” — “die elementarste Tatsache”. Este “mais elementar” se refere ao fato deste fato (!) ser, dar-se i-mediatamente, subitamente, ab-bruptamente e, então, enquanto e como “arché”, origem, é “o mais elementar” uma vez que, assim e por isso, ele, em sendo o primeiro, o primário e o inaugural, constitui-se no *elemento*, isto é, no *medium* (círculo, inserção), que é, que *já é sempre* o lugar e a hora, que *sempre já* se abriram e se fizeram e desde os quais (lugar e hora), a partir dos quais, o homem é, faz, age, vê, vive, existe, é. E, ainda por ser tal *páthos*, tal fato mais elementar, o elemento ou *medium* — em razão desta inserção radical ou *elementar*, vida, vontade de poder, ou seja, este saltar e irromper no e como aparecer, mostrar-se ou fazer-se visível — por isso, graças a isso, tal modo de ser constitui-se em círculo (inserção, elemento, *medium*), é círculo ou circularidade. Círculo, circularidade, ratifiquemos o já dito, é uma imagem, através da qual se procura concretizar, espessar, dar textura e visibilidade a *algo*, a um acontecimento, a saber, o irromper de vida, designada vontade de poder — enfim, um modo de ser (a vida, a existência) que *não é e não tem imagem alguma*, ou seja, a própria vida, a vontade de poder, o acontecimento arcaico e abissal. Isso é *nada, coisa* nenhuma, *algo* algum.

À vida ou vontade de poder, segundo a estrutura ou a forma que caracterizamos (salto, súbito, círculo, inserção, *páthos*), Nietzsche denominará ainda *mundo. Isso é mundo. Mundo?! Estranho, mas... Bem, Nietzsche escreve: “A nova concepção de mundo — o mundo persiste; ele não é nada que se torne, nada que passa. Ou antes: ele torna-se, passa, mas nunca começou a tornar-se e nunca cessou de passar — ele mantém-se em ambos... Vive de si mesmo: seus excrementos são seus alimentos”*⁵. E em uma outra anotação⁶, ele pergunta: “...Sabeis vós o que é para mim o mundo? Devo mostrá-lo em meu espelho?” Aí, então, ele *descreve* mundo e conclui: “...Quereis um nome para este mundo?.. *Este mundo é a vontade de poder — e nada além disso!* E também vós mesmos sois esta vontade de poder — e nada além disso!”

Nietzsche fala de “nova” concepção de mundo. Na verdade, ela é velha. Muito velha. Velhíssima. O que se lê nestes fragmentos, nestas anotações de Nietzsche é, com uma extraordinária coincidência (!) quanto à forma de pensamento, da compreensão, da *visão* ou intuição, o mesmo que se lê-vê, p.ex., nos fragmentos de nr. 16, 30, 64, de Heráclito ou,

⁵ Cf. Nietzsche, F., KGW, VIII-3, p. 166 ou *A Vontade de Poder*, op. Cit., nr. 1066, p. 510.

⁶ Cf. Nietzsche, F., KGW, VII-3, S.338 ou *A Vontade de Poder*, op. Cit., nr. 1067, p. 512.

p.ex., o fragmento 8, de Parmênides, quando este fala do começo sem começo, do ser “ingênito”, imperecível, sem começo e sem fim... Mas, deixemos isso de lado. Não se trata de uma outra *musa*. Não, é uma e a mesma, mas deixemos de lado...

A nova-velha, *velhíssima*⁷, “concepção de mundo” só é nova em relação ao que, em tempos de Nietzsche (e ainda hoje, agora!) imperava como compreensão/determinação de mundo, a saber, física, cientificista, mecanicista, naturalista, quando muito cósmica, cosmológica. O que Nietzsche, porém, nas passagens citadas, chama de “mundo” nada tem a ver com qualquer destas concepções ou compreensões que, no fundo, são uma só, ou seja, a naturalista ou científico-mecanicista. Igualmente nada a ver com astronomia ou o que hoje denominaríamos concepção astro-física. Mas mundo, enquanto vida, enquanto vontade de poder, determinar-se-á como *sentido* (*logos, linguagem*)⁸ que, enquanto e como *páthos*, se articulará ainda, na *fevura* do pensamento de Nietzsche, como *horizonte, perspectiva, interesse*⁹ — enfim, como *valor*. Tudo isso pensado, compreendido, digamos, *ontológico-vitalmente, existencialmente*.

Nietzsche diz: “O mundo persiste (*besteht*)”, quer dizer, o mundo existe, está aí, dá-se, faz-se, acontece, há, é — é isso que diz o “*be-steht*”, “*be-stehen*”. E isso, a saber, este acontecimento ou esta irrupção súbita, este *páthos* — isto dá-se, faz-se *antes e fora* de todo e qualquer vir a ser ou tornar-se; *antes e fora* de todo e qualquer passar, perecer, ou seja, *antes e fora* de toda e qualquer determinação, medida ou critério de começo e de fim, de *dentro* e de *fora*, pois é a partir daí, só a partir daí, quer dizer, de tal acontecimento ou abrupta irrupção (a redundância é ênfase), que *pode* dar-se, instaurar-se toda e qualquer medida ou critério de começo e de fim, de dentro e de fora. Por isso, é dito ainda que, em relação a começo e fim, vir a ser e perecer, ele, tal acontecimento súbito, imediato, “*mantém-se, sustém-se em ambos*” [“*sie (die Welt, o mundo) e r h ä l t sich in beiden*”]. Quer dizer, ambos, a saber, começo e fim, vir a ser e perecer, dentro e fora, antes e depois — enfim, ambos estão *incluídos*¹⁰, ou já se dão *desde e a partir* desta irrupção súbita, deste salto, desta *abissalidade*, instaurando assim círculo, circularidade, isto é, inserção, afeto, *páthos, arché*. E, diz ainda a passagem: “ele, o mundo, vive de si mesmo” — viver de si mesmo, ser e mover-se desde ou a partir de si próprio, sem nenhum antes ou atrás, sem autor, causa, sujeito ou *responsável*, ou seja, assim em jovial salto, como *pura* doação ou *gratuidade*, enfim e por fim, isso, tal experiência e *evidência, pois experiência é evidência*, é a extraordinária definição, intuição, *sacada* da natureza de vida, do modo de ser de *psyché*, nos gregos, de Homero a Platão¹¹. Não *ver* isso, não *acolher* isso, mesmo insurgir-se, rebelar-se contra isso

⁷ Tudo que é arcaico, originário é novo-velho, é recém-antiquíssimo, *eterno enquanto dura...* E só dura...

⁸ Cf. Nietzsche, F., KGW, VIII-1, 2[149], p. 138 ou *A Vontade de Poder*, op. Cit., nr. 556, p. 290/1.

⁹ Cf. Nietzsche, F., p. ex., *A Gaia Ciência*, livro V, nr. 374, *Nosso novo infinito*.

¹⁰ Nietzsche diz “no interior do anel”. Lê-se: “Guardemo-nos de pensar *a lei deste círculo como algo tornado, que veio a ser*, segundo a falsa analogia deste movimento circular *no interior (innerhalb)* do anel...” KGW, V-2, 11[157], p. 400.

¹¹ Cf. Rohde, E., *Psyché — Le culte de l’âme chez les grecs et leur croyance a l’immortalité*, Payot, Paris, 1928. Também Otto, W., *Dionisos — Mythos und Kultus*, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1960.

(o pensamento substancialista, causal) — isto é coisa de “bípede ingrato”, diz laconicamente, incisivamente e com grande desprezo Dostoievski. “Bípede ingrato” ou “l’homme révolté”. Ou puerilidade. É a mesma coisa.

4. Nisso tudo, com toda esta arenga, como fica, onde entra valor? Na verdade, com esta lenga-lenga, o tempo todo, já estamos falando de valor.

Dissemos que vida, formulada como movimento de vontade de poder, só pode dar-se, aparecer ou concretizar-se como força — *uma* força. Este é, agora, nosso ponto de partida, lembrando que, também já dissemos, força e valor dizem o mesmo. Força é vontade de poder (vida) se realizando, se concretizando, ou seja, vontade de poder (vida) vindo à tona, fazendo-se visível e, assim, pondo-se e impondo-se. Em suma, vida que vem ao poder — *entra em voga, está valendo, é à vera*. É valor. Vale. Força realizada, concretizada, isto é, poder, é o mesmo que valor valendo, força em vigência, em voga. E isso, este valor valendo, a força em voga, feita poder, é a própria coisa, o próprio real. *Isso*, o valor, a voga, é o é. Portanto, *é não é* — vale. É vigência (de sentido, de mundo, de força), voga. Força feita poder.

Mais uma vez: vida, vontade de poder, aparece, só pode aparecer sempre como a realização de *uma* força, *em uma* força, *como uma* força — como um verbo, em um verbo. E isso porque vida em si, vontade em si, como pura vida ou pura vontade — isso não existe, não há¹². Vontade só pode ser, só pode aparecer ou realizar-se como *quero*. Na verdade, vontade é *quero*. Ou seja, só há quero, isto é, só há, só se dá vontade (vida) no *quero* e como *quero*. Quer dizer, só vida ou vontade realizada, concretizada — vigendo, valendo, em voga, no e como poder. A vida em si, a vontade como, em si, um poder, uma *faculdade* ou uma *propriedade* da própria vida ou de um sujeito, de um homem, de um *eu* ou de uma subjetividade — isso é uma falsa coisificação, substancialização. Falsa, quer dizer, tardia, epígona, decadente, pois *hipóstase*. E, neste sentido, não há, não existe vontade.

Por força, *uma* força, cabe entender *cada modo possível* de vida ou de vontade de poder aparecer, mostrar-se. Isto é, concretizar-se, realizar-se. Por exemplo, pintar, escrever, jogar, guerrear, arar, vagar... Portanto, cada modo possível de realidade realizar-se. Neste sentido, força, cada (toda!) força constitui-se num *verbo* possível do/no viver, do/no existir e, então, do real. É a ação, a atividade de vida que, de acordo com sua constituição ou modo próprio, mais próprio de ser, é ação, é atividade — a ação, a atividade de vir a ser o que é, a saber, vida enquanto e como o modo de ser (força) que, aqui e agora, se realiza, se

¹² Lê-se em Nietzsche: “Vontade — uma falsa coisificação (*eine falsche Verdinglichung*)” Cf. KGW VIII-1, 1[62], p. 22. E ainda, para desconcerto de nossas idiossincrasias: “... mas não há nenhuma vontade - ... *aber es gibt keinen Willen*” Cf. *A Vontade de Poder*, op.cit. nr. 488, p. 262. Note-se que esta passagem-anotação de Nietzsche, no seu todo, é um importante, muito importante texto (um dos...) para a interpretação e compreensão da crítica às noções de substância ou sujeito, causalidade e ação ou atividade como consequência de *uma* ou da *nossa* vontade.

concretiza, aparece ou se faz. Uma força é um verbo, quer dizer, um *lógos*. Quer dizer, um *mundo*. Quer dizer, uma *perspectiva* (“per-spicere”), um *horizonte* ou um *interesse* (“inter-esse”), ou seja, ser sempre já desde dentro (“inter”) de um modo de ser (“esse”), ou seja, de uma força, de um verbo. Neste “através” (o “per” de per-spectiva e mesmo o “inter” de interesse), que é elemento ou *medium*, faz-se o real (o *objeto*, a *coisa*, tudo quanto há ou é), assim como também o *sujeito* (o *expectador*, o *intérprete*) e igualmente a própria perspectiva ou interesse, quer dizer, aqui e assim realiza-se a forma ou a estrutura *interpretação*, onde não há, não se tem o direito de se perguntar pelo *quem* interpreta (pelo sujeito, pois), não se pode, não se tem o direito de pro-por ou sub-por um tal sujeito, um tal intérprete. Tal pergunta, pro- ou sub-posição (hipótese) é coisa atrasada, que chega atrasada. Dissemos: a forma ou a estrutura da interpretação — e isto quer dizer: a forma ou a estrutura do real, de toda e qualquer realidade possível, que é, que só pode ser interpretação, uma vez que não há, que não pode haver fato em si, real em si, coisa em si. A estrutura, a forma de salto, súbito, imediato, círculo, *páthos*, veta, inibe, inviabiliza isso.

Portanto, coisa, toda e qualquer — real, realidade, toda e qualquer, só há, só pode haver ou dar-se se uma força (um verbo, um sentido, um mundo, uma perspectiva ou um interesse) já aconteceu, já se deu. Assim, não há, não pode haver coisa em si, *objetiva*, *desinteressada*, *desperspectivada*, *apática*, *sem mundo*. Uma coisa em si, *objetiva*, seria uma coisa fora de toda e qualquer condição de ser ou poder ser a coisa, o *algo* que é, a saber, na sua constituição mais própria, *inserção*, *afeto* (“páthos”). Seria uma coisa ou um algo *antes e fora* de toda e qualquer *relação*, que, desde salto, círculo, sempre já se fez, se deu, se instaurou. Coisa, algo, só pode ser relação (isto é, interpretação), *esta* relação. Mas e relação — como se dá, como se faz ou é realmente relação? Expliquemos isso melhor, ainda que rapidamente, no galope.

Nietzsche escreve: “Uma coisa em si é algo tão absurdo quanto um sentido em si, uma significação em si. Não há nenhum fato em si, mas, *para que possa haver um fato, um sentido precisa ter sido sempre já introduzido*”¹³. Portanto, quando algo, alguma coisa, o que quer que seja ou haja, se dá, se mostra ou aparece — dá-se, mostra-se ou aparece, enfim, é, *porque* (graças a) um sentido (força, verbo, perspectiva, interesse, mundo) já se deu, já se introduziu ou se intro-meteu — “ein Sinn muss immer erst hineingelegt werden”. O “erst” (“primeiramente” ou “por primeiro”), que estamos traduzindo por “sempre já” — enfim, esta partícula, esta particulazinha é que, aqui, diz tudo, uma vez que ela fala o *salto*, isto é, ela fala da abertura ou da instauração súbita de círculo, de inserção (“páthos”), que se faz elemento ou *medium*. Um sentido sempre já se deu — com isso, assim, *graças a isso* (i.é, por doação *disso*), algo pode dar-se, aparecer, mostrar-se como isso ou algo. Um sentido sempre já se introduziu, sempre já se interpôs, isto é, um *lógos*, um *mundo*. Ainda na linguagem de Nietzsche, uma força, um horizonte, uma perspectiva ou um interesse.

¹³ Cf. KGW, VIII-1, 2[149], p. 138 e *Vontade de Poder*, op.cit., nr.556, p. 290.

O sentido ou a força sempre já introduzido(a) é, pois, a abertura ou a dimensão (horizonte) *a partir* da qual algo pode-precisa ser visto, visualizado (perspectivado), quer dizer, pode-precisa aparecer, *ser*. Ou seja, algo, o que quer que seja, *é sempre já visto (aparecido, dado) através, no (em o, dentro, inserção) ou desde o medium, no e desde o elemento* de um sentido (*lógos*, mundo, força). É isso, justamente isso, esta estrutura ou modo de ser (= forma, gênese ontológica) que diz *perspectiva*, “*perspicere*”.

Aqui, decisivo é ver, é entender perspectiva desde e como salto, isto é, desde e como inserção, quer dizer, já desde elemento ou *medium* e não como obra, como produto, criação ou *projeção* de um sujeito, de um *eu*, de um homem ou de alguma *vontade livre e autônoma*. Ao contrário, algum imaginável sujeito, *eu* (homem, vontade própria) já é resultado, obra da perspectiva (força, *mundo*, modo possível de ser de vida), fez-se ou deu-se já desde a perspectiva-salto-inserção-elemento. Por isso, nada subjetivo, assim como também nada *objetivo*. Isso, a saber, subjetivo e/ou objetivo, é *coisa*, é visão ou consideração tardia, decadente — algo que chega, chegou sempre já *atrasado*¹⁴.

Assim, seguindo a mesma forma ou estrutura de perspectiva (desde e como inserção, círculo, elemento, *páthos*) é preciso entender *interesse*, *inter-esse*. Não há nada, não *pode* haver nada des-interessado, quer dizer, nada *a-pático*, em si, *objetivo*, mas *sempre já desde dentro* (“inter”) de um determinado modo de ser (“esse”), ou seja, sempre já desde dentro ou *a partir* de um sentido (*lógos*, mundo, força).

Agora podemos, mais assentadamente, indicar o modo próprio de ser de relação, pelo qual pedimos acima. É porque toda e qualquer coisa já é sempre inserção ou elemento (*medium*), que igualmente diz círculo e *páthos* — por isso, *graças a isso* ou seja, por doação ou graça, deste modo de ser arcaico ou imediato — enfim, por isso, graças a isso, toda e qualquer coisa é o que é e aparece ou se dá tal como é, aparece ou se dá *porque é relação*. Portanto, toda e qualquer coisa só é possível desde e como relação. Mas vejamos: *salto* abre o âmbito de relação. Melhor: salto *põe o espaço* de relação ou de relacionamento. É este *espaço*, este *aberto* ou *âmbito*, que possibilita que o quê quer que seja o seja para alguém, para o homem. E é decisivo: este espaço, abertura ou âmbito, que constitui propriamente a relação, *é antes de toda e qualquer referência*, seja ela de natureza bi- ou multi-polar. Ou seja, relação, em sentido próprio, arcaico-originário, nada tem a ver com termos, polos, *relata*. Não deve e não pode ser entendida a partir de polos, termos ou *relata*. Isso já é *platonismo*,

¹⁴ Ocorre-nos uma observação: parece que usamos indistinta e indiscriminadamente, para não dizer impensada e irresponsavelmente, como sinônimas as noções de sentido, *lógos*, mundo, força, perspectiva, interesse. Parece que é uma noite escura, na qual todos os gatos são pardos. Parece que é tudo igual, tudo a mesma *coisa*, num caldeirão, numa *beberagem à Mefistófeles*, onde tudo, todas as mulheres viram Helena. Tudo igual ou tudo a mesma coisa num indiferente, apático nivelamento, achatamento de tudo. Não. Estas *noções*, nomeações/designações, talvez *conceitos* apontam para diferentes momentos, diferentes articulações ou modulações de uma mesma *experiência arcaico-originária*, fundadora, de um mesmo e único fenômeno *elementar* (um “*Urphänomen*”), a saber, vida, determinada também como vontade de poder. Trata-se de modos como se articula e se expõe, isto é, se realiza e então se mostra, esta mesma experiência arcaico-originária, este mesmo proto- ou arqui-fenômeno (o “*Urphänomen*”), qual seja, a vida, a existência humana.

isto é, desatenção, incúria, *afrouxamento do arco*. Ao contrário, relação, no sentido arcaico-origenário, tem tudo a ver com uma espécie de *tensão*, promovedora e sustentadora de diferença na identidade e de identidade na diferença. Termos, polos ou *relata* é, pois, *algo* que se dá, acontece ou se instaura quando tal tensão, ou *atenção*, que é o âmbito ou o espaço da relação como tal, já se desfez, quando o *arco já afrouxou*, e, assim, torna-se *coisa de vesgo*, *coisa* de quem chega *atrasado*... Enfim, coisa decadente. De-cadente e de-generada fala de sujeito e (+) objeto, de subjetivo e (+) objetivo, dentro e (+) fora, interno e/ou externo. O fato é que tudo isso (sujeito-objeto, subjetivo-objetivo, dentro-fora) há, existe, faz-se ou dá-se, claro, — mas é tardio, epígono, como dito, de-cadente e de-generado (i.é, apartado do ritmo próprio, da fonte geradora própria) e, então, por isso, sob pena de irremediável erro, *não pode jamais, jamais tem o direito de ser reivindicado* como “coisa” ou dimensão, modo de ser primeiro ou primário, fundador e fundamental. Sujeito e (+) objeto, subjetivo e (+) objetivo, dentro e (+) fora, interior e (+)/ou exterior — tudo isso, aqui, só funda, só esclarece decadência, degeneração, perversão ontológica.

Valor, em sendo da textura, da têmpera e do *tutano* de força, não é nada desta ordem, a saber, subjetivo e/ou objetivo, etc. Isso, esta disjunção/separação, não cabe à sua compreensão e determinação. Valor — é subjetivo ou objetivo?! A pergunta, a dúvida ou o dilema - isso tudo é coisa que chega atrasada. É dúvida, pergunta ou dilema *fora do tempo próprio da coisa, do fenômeno*.

5. Vida, entendida desde e como vontade de poder, só pode aparecer ou mostrar-se desde uma força, como uma força. Força *ou* modo possível de vida ser, fazer-se vida, quer dizer, aparecer, mostrar-se. Um modo possível de vida ser vida pode também denominar-se um *verbo*. Todo e qualquer modo possível de ser de vida, cada um ou cada qual — ou seja, todo e qualquer sentido, mundo, perspectiva, interesse — constitui-se em um verbo, é um verbo. Verbo é a ação de vida fazer-se vida, a atividade de concretização ou de *exposição* de vida. Vida é *ex*-posição, *auto*-exposição, isto é, movimento de, desde si mesmo, *expor*-se a si mesmo — aparecer. Sim, *auto*-exposição, a dinâmica de concretização-aparição de vida, enquanto e como verbos possíveis, horizontes, modos possíveis de ser — sentidos, mundos, perspectivas, interesses.

E tal força ou verbo *é* valor; constitui-se, faz-se como valor. Isso, a saber, tal força ou valor, é propriamente o *é*, o *isso é*. “O *isso vale* é o único autêntico, real, verdadeiro *isso é*”. O valor, o *vale*, constitui-se em toda e qualquer possível realidade do real. Força-ser-aparecer-valor — isso é um único e mesmo acontecimento, um único e mesmo instante. Melhor: *um único e mesmo ato*. Por isso, assim sendo, uma vez que acontecendo e sendo desde e como círculo-inserção-afeto, valor (força, sentido, mundo, perspectiva, interesse) não é nada que, quer subjetiva, quer objetivamente, venha a somar-se, a acrescentar-se ou aderir-se às coisas. Não há *coisa* antes e fora de valor, de força, de sentido, de mundo. Portanto, já foi dito, valor não é nada agregado, nenhum *encosto*. O real, as *coisas*, o *mundo* (o domínio das coisas

objetivas, dadas), não se constitui num plano, num estrato, e a isso se soma ou se acrescenta o plano, a esfera ou o estrato do valor, dos valores. “Juízo de valor e juízo de existência ou de realidade”, como dizem os idiotas da objetividade — não, da subjetividade!

Nietzsche escreve: “Valor é a mais elevada quantidade de poder que o homem pode se incorporar”¹⁵. Uma quantidade, um “*quantum* de poder” (assim diz o texto), é uma *quantidade*, um *quantum* de vida, isto é, de vontade de poder, isto é, de força realizada, concretizada. Estranha esta fala de “quantum”, de “quantidade” para vida, para vontade de poder, que não é “coisa” nenhuma, *algo* algum. Em questão não está tamanho, isto é, não se tem o direito de falar de quilos ou de metros de vida. Antes, até sealaria de qualidade, de qualidades. Mas com isso, com “quantum”, quer ser dito, de modo mais intenso e mais espesso, a realização, a concretização, a efetivação ou, ainda, a singularização da própria força, da *vontade*. Valor, força é poder, quer dizer, é força, sentido, *mundo* concretizado e, assim, singularizado, realizado *como isso* ou *como aquilo*. E só *como isso* ou *como aquilo* vida pode ser, aparecer. Só como *quero* pode a vontade *para o* poder ser vontade *para o* poder. A vontade como tal, em si e por si só, é uma abstração ou, como diz Nietzsche, “uma falsa coisificação”. “Falsa” quer dizer: tardia, epígona, decadente. A vontade (em si e por si como *pura* vontade, faculdade ou propriedade de um sujeito, de um *eu*, p.ex.) — isso não há.

Valor é, pois, a *consumação*, a *cumulação*, a *perfeição* de uma possibilidade de ser, quer dizer, de uma força — de um *mundo*, de uma perspectiva, de um interesse. Na consumação, na cumulação, que diz *perfeição*, no sentido de per-fazimento (a “entelêcheia”), faz-se concretização, realização, e, assim, o “mais elevado”, o “*höchste*”, de força. É isso mesmo poder, o poder, como o ato de ser, isto é, de aparecer. Mas, e aqui levanta-se um outro problema, diz Nietzsche, o mais elevado *quantum* de poder “que o homem pode se incorporar — *sich einverleiben vermag*”. Incorporar, em-corporar, talvez, “*sich einverleiben*”, diz Nietzsche. Quer dizer: tornar-se, fazer-se corpo. E o homem (não a “humanidade”, dirá Nietzsche, ainda na passagem citada, que é outra abstração), pois o homem é o único lugar e a única hora em que isso, em que o que quer que seja, todo e qualquer real possível, pode (precisa!) dar-se, acontecer, tornar-se. *E o homem é corpo*. Portanto, corpo (homem) é o lugar e a hora em que vida (vontade de poder, força) aparece como tal, *pode* aparecer e fazer-se como tal. Corpo — *o homem é corpo*. Corpo e não alma, ou espírito, ou consciência, ou *físico*, ou *biológico*, ou matéria. Tudo isso é tardio, posterior. Corpo, “Leib”, enquanto o *homem* (estranho!), é o acontecimento súbito, i-mediato de *aísthesis e nous*, melhor, *o ato aísthesis-nous*. Quando homem acontece, irrompe, salta (e o homem, a vida ou a existência humana é este salto, esta irrupção) — este acontecimento ou irrupção é o mesmo ato que o acontecer, irromper, saltar de *aísthesis-nous*, de sentir-ver-perceber. Quer dizer: no mesmo ato e como o mesmo ato, a simultaneidade ou o *mesmo* de sentir-ver-perceber — o acontecer ou o irromper de vida, de homem, de existência humana. Sentir (“*aísthesis*”), todo sentir, é ver — já é sempre ver, perceber (“*noein*”) *como isso* ou *como aquilo*, uma vez

¹⁵ Cf. Nietzsche, F., KGW VIII-3, 14[8], p. 13 ou *A Vontade de Poder*, op.cit., nr. 713, p.360.

que não há o puro e mero sentir, como pura e simples impressão ou sensação (estímulo) nervosa(o). Todo e qualquer sentir *já é desde ou a partir de um sentido* (lógos, mundo, interesse, perspectiva) — só por isso, *só graças a isso* pode ser sentir. Sem isso, a saber, sem este prévio ou preliminar *sentido* (lógos, mundo, interesse, perspectiva), seria só, o “caos dos *data*”, “Chaos der *Data*”, para usar uma expressão de Kant!¹⁶. Então, por isso, sentir, todo sentir, já é sempre um ver-perceber isso ou aquilo *como* isso ou aquilo, sempre já um algo determinado desde um mundo (sentido, lógos) e como um mundo (sentido, lógos) e jamais uma *pura, abstrata e tardia* impressão sensorial, estímulo, *coisa* de sinapses e de reações eletro-químicas, que só acontecem, que só podem acontecer num laboratório de psico-física, de neurologia ou de neurociência cognitiva — enfim, coisa do “Imetro” ou de algum outro qualquer instituto de pesos e medidas, onde se faz contabilidade, balanços e inventários, mas não se pensa. Quer dizer, onde não há real empenho por real compreensão de um *fenômeno*, de uma *experiência*.

A separação, o corte (o “chorismós”) e a oposição *aísthesis-nous*, junto com a consequente instauração dos planos, dos estratos corpo (sentir) e (+) espírito (ver, perceber), etc, etc...(p.ex., ser e (+) pensar, valor e (+) coisa, juízo de valor e (+) juízo de existência) — isso, tal separação-oposição, constitui propriamente o platonismo.

Valor é a cumulação de força que o homem pode *incorporar*, isto é, é a concretização-realização de força que pode-precisa dar-se ou fazer-se *no* homem, pois este, enquanto e como corpo (“Leib”), é a única *instância* possível de vida ser-aparecer como tal, como vida. No homem, como homem, a partir do homem, força *crece*, quer dizer, se *intensifica*, se *concentra*, se *agrava* (portanto, nada quantitativo, somativo), fica ou torna-se mais *nítido*, mais *evidente* — e, assim, o homem igualmente faz-se, torna-se ou vem a ser homem, *mais* homem, isto é, *mais destino de corpo*, em *vida ascendente*.

Dizendo de outro modo: no homem, como homem, força-valor incorpora-se, *encorpa-se*, faz-se corpo, ou seja, ganha *forma*, faz-se gênese ontológica (princípio de real, *vida*) e, por esta via, vai se concentrando, vai se intensificando e, então, por isso, graças a isso, ganhando clareza no seu modo e necessidade de ser, mais evidência e, neste sentido, mais necessidade e destino, à medida que *crece*. Crescer — o crescimento de força, o crescimento de poder, que marca a vida enquanto e como vontade de/para poder — enfim, assim, crescer não é nada somativo, aglutinante, de agigantamento. Não. Crescer diz intensificar, *agrar-se* (no sentido de se tornar mais grave, mais *sério*, mais intenso e

¹⁶ Isso, “o turbilhão dos *data*”, é a moderna pesquisa fisiológica, neuro-científica — a física do cérebro. Para escamotear o turbilhão, para tomar pé no caos, é introduzido nesta pesquisa o dígito, o número — a condição para o cálculo, para o controle matemático, isto é, a antecipação numérico-quantitativa. A expressão (e a compreensão) “caos dos *data*”, “Chaos der *data*”, ou ainda “Gewühl der Empfindungen” (a confusão, o turbilhão das sensações, das impressões sensíveis ou sensoriais) encontra-se em Kant, KrV., A 147, B 187 e está relacionada à genial *sacada* de Kant, segundo a qual a *forma*, a estrutura da sensibilidade (sem a qual nada se sente, mas tem-se tão só o turbilhão ou o caos dos *data*), no caso, tempo e espaço, não é nada sensível (sensorial, *corporal, físico*), mas transcendental, isto é, *a priori*, antecipativo, prévio ou preliminar (neste sentido *metafísico*). Quer dizer, para nós, aqui, isso é o sentido (i.é, lógos, mundo, interesse, perspectiva, força) que sempre já se deu, sempre já se introduziu ou se intrometeu.

necessário) e, assim, *apurarse*. Coisa de *boa cepa*. Por esta via, por este caminho, quer dizer, segundo este *método*, torna-se mais intenso, mais grave e, ao mesmo tempo, mais simples, mais conciso. Mais sóbrio e mais grave. Isso já é *grande estilo*, o grande estilo, quer dizer, a forma (=estilo) radical, essencial (= grande).

6. “As palavras do valor são bandeiras plantadas lá onde foi inventada uma *nova bem-aventurança* — um novo *sentimento*”¹⁷.

Assim reza, em tradução fiel, uma anotação de Nietzsche, feita entre novembro de 1882 e fevereiro de 1883, em plena efervescência do *Zarathustra*. Numa tradução mais livre, mais solta e já bastante explicativa e interpretativa, pode-se dizer: “A fala de valor ou o discurso sobre/a partir de valor é uma bandeira fincada, isto é, *uma conquista*, lá onde e quando já se revelou (*se inventou*), já se evidenciou uma nova *vitalidade* (*Seligkeit*, *bem-aventurança*), melhor, uma nova alegria, mesmo uma nova e grande jovialidade — enfim, lá onde e quando se revelou, *irrompeu*, um novo *páthos* (*Gefühl*, *sentimento*), uma nova *sensibilidade*, a partir do(a) qual e como o(a) qual todo e qualquer possível real é visto, visualizado, entendido, dito”.

Onde dissemos *vitalidade* (uma nova vitalidade), Nietzsche escreve “*Seligkeit*”. “*Seligkeit*”, ao pé da letra, em tradução correta, diz “bem-aventurança” e se refere a uma espécie de, após a morte, possível harmonia e unidade com Deus, com o divino. Uma participação na graça e na iluminação divinas. Coisa para justos e santos. Ora, nem Nietzsche e nem nós somos santos ou justos. Na citação, para esclarecer “*Seligkeit*”, Nietzsche fala também de “sentimento”, “*Gefühl*”. Portanto, aquela “*Seligkeit*”, “bem-aventurança”, precisa ser vista como um “novo sentimento” e este sentimento é o que, por extensão, se vê e se compreende em “*Seligkeit*” e que é *glória*, *felicidade*, *alegria*. Assim sendo, digamos, a fala de valor fala da *conquista* de uma nova alegria, de uma nova satisfação, de um novo e bom humor, uma nova e boa jovialidade (“*Heiterkeit*”), *na* e *para* a visão-compreensão e fala ou discurso de todo e qualquer real, que, então, não é, mas *vale*. Um novo *páthos*, um novo afeto, um novo *princípio* (“arché”) *modulador* do real, das coisas. E isso, é dito, é uma grande *alegria*, quer dizer, uma grande *leveza*. Mas — novo?! Ou seria velho, muito velho, como aquele “velho, velhíssimo e grosso, e *encorpado* vinho da sabedoria”, que Zarathustra quer beber de novo, re-petir, re-tomar? Sim, este *novo* é novo, assim parece e se revela, por ser, na verdade, só e tão só a repetição, a retomada *daquilo que é*, do que sempre foi e, porém, em alguma hora, por alguma distração, algum cochilo ou algum *afrouxamento do arco-vida*, que é “*Bíos*” e “*Biós*” (Heráclito, frag. 48) — tais cochilos costumam ser mesmo mortais! — enfim, algo, um modo de ser que se retraiu, que se

¹⁷ Cf. Nietzsche, F., KGW, VII-1, 4[233], p. 179 ou *A Vontade de Poder*, op.cit., nr. 714, p.360

afastou ou se transviou, tal como também “a criança de Heráclito”¹⁸ e que Nietzsche ainda entende e formula como o recuo, o retraimento do puro e simples “eu sou”, próprio dos deuses gregos e, sim, da criança. E isso, este novo-velho modo de ser, este novo-velho *páthos*, é, sim, uma nova-velha vitalidade, um novo-velho “*thymós*”, um novo-velho “*Gemüt*”. Um novo-velho *coração*, uma nova-velha *cordialidade*. Por fim, uma nova-velha bandeira (conquista) fincada no pico, no cume da vida.

Nova alegria, nova vitalidade. Alegria, talvez, venha de “aliger” — o que tem e traz asas, o alado. É, sim, leve, leveza. Quase diáfano. Assim, valor como uma nova vitalidade, uma nova alegria, é uma leveza, um modo gaio e alígero, lépido, como critério, como medida do real. O alegre, o gaio, “a gaia ciência” ou o saber jovial, como medida, como consistência-essência ou gênese *leve, alígera, lépida e gaia* do real. Ou seja, assim, por esta via, o real perde, esquece ou desaprende o peso pesadão, lerdo da coisa coisi-ficada, das coisas hipostasiadas, do real substancializado na sedimentação do hirto *coisista*, do duro *coisal*. Um real, um modo de ser que não dança. Um real, um modo de ser (sujeito!) “ruim da cabeça e doente do pé”. E, como que num golpe de mágica, isto é, num salto — valor-força, viu-se, é salto — ganha de novo alegria, leveza. Jovialidade, a boa gaiatice. Essa *olhada*, este novo olhar, o valor, o real desde e como valor, é como que a resposta à pergunta, melhor, à advertência inquietante que Nietzsche, a certa altura, nos dirige — “como vai, o que se passa com, a quantas anda nossa jovialidade, nosso lado alegre, gaio e gaiato, nossa *Heiterkeit*”¹⁹.

Estranho, estranho! Esta pergunta, esta advertência consegue realmente nos inquietar ou nem sequer...?! Bem, de qualquer modo, desde o salto, desde a *virada* ou a *mudança de registro*, posta e imposta pela medida do valor, esta conquista põe, impõe uma grande alegria, um grande júbilo. Bom humor, jovialidade, *Heiterkeit* contaminando esse nosso vale de lágrimas, essa nossa *Vida Severina*. A irrupção da vida, sempre severina, isto é, sempre pobre, pouca, finita, é sempre “tão belo como um *sim* numa sala negativa”. Pois presente, graça, doação, gratuidade. Sem porquê, sem para quê.

E um real assim visto, assim entendido, reclama também uma nova fala, uma outra fala, um outro discurso a respeito de verdade, sobre a verdade.

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,

Que outro valor mais alto se alevanta.²⁰

Alevanta-se, acorda, desperta a força, o valor do próprio valor, isto é, o valor mesmo como medida, como critério — melhor e mais precisamente: como *forma ou gênese*

¹⁸ Cf. Heráclito, frag. 52, segundo referência de Nietzsche em KGW VIII-1,2[130], p. 127; *A Vontade de Poder*, op.cit., nr. 797, p. 397 e também KGW, VII-2, 25[351], p. 101; *A Vontade de Poder*, op. Cit., nr. 940, p. 463. A respeito de criança e “eu sou”, ver *Zarathustra*, I, *Das três transformações do espírito*.

¹⁹ Cf. Nietzsche, F., *A Gaia Ciênciam* nr. 343 - “Was es mit unser Heiterkeit auf sich hat”.

²⁰ Cf. Camões, L., *Os Lusíadas*, I, 3, Vs. 8-9

ontológica (= a própria coisa) e não como agregado, como *encosto*. Este é “o mais elevado”, “das Höchste” — esta a nova musa. E vamos a isso, pois *isso* é a boa, a oportuna passagem para a segunda etapa do nosso tema, que é “Valor e Verdade”. Vamos, pois, à verdade e, como no jogo da bolinha de gude, *à vera* — *está valendo!* É de verdade! É que valor é verdade. Verdade é valor.

II

1. Para a contemporaneidade, foi decisiva a intervenção de Heidegger na discussão do tema verdade. A questão é enorme, gravíssima e, aqui, agora, vamos apenas tentar esboçar alguns esclarecimentos quanto a alguns aspectos, que acreditamos serem importantes para o encaminhamento e a compreensão do problema. Esboçar alguns esclarecimentos quanto a alguns aspectos, isto é, anunciá-los, enumerá-los e buscar esclarecê-los.

Heidegger contesta, inicialmente, duas afirmações consolidadas pela tradição. Uma, segundo a qual o juízo, o enunciado é o lugar da verdade e, outra, a definição tradicional de verdade como adequação ou correspondência — seja do intelecto à coisa, seja da coisa ao intelecto.

A discussão do problema do juízo ou do enunciado como lugar da verdade supõe, principalmente, uma compreensão de linguagem, da essência, isto é, da gênese, da linguagem, e então a caracterização do juízo, do enunciado, como *algo* posterior, tardio, isto é, *coisa* derivada e não primária, imediata.

Quanto à questão da correspondência ou adequação, o ponto de partida é o fato que tal correspondência ou adequação começa sendo uma relação (pois o enunciado não é a coisa e a coisa, por sua vez, não é o enunciado) e, para que a definição ou determinação de verdade como correspondência se sustente, é preciso, antes, esclarecer a natureza e a possibilidade de uma tal relação — p.ex., como é que o ente, o real, vem a dar-se, a oferecer-se ou a aparecer para um possível enunciado ou juízo? Sem um tal esclarecimento prévio, a definição tradicional de verdade permanece obscura e *dogmática*. Portanto, não se trata, de imediato, de negar, de recusar pura e simplesmente correspondência (ou adequação), mas de esclarecê-la, de fundá-la, ou seja, remetê-la a seu próprio e necessário fundamento ou condição de possibilidade.

Uma outra consideração inicial a se fazer é que Heidegger — aí, sim! — de cara exclui do horizonte de discussão do tema verdade a suposição ou a pré-compreensão de que esta se configure como um *dado*, como um *algo objetivo* (ou *subjetivo*, ou *intersubjetivo*), como uma *ocorrência* ou algo fático no e do *mundo real, externo, objetivo* e, então, tratar-se-ia de se verificar, isto é, confirmar, constatar *objetivamente* e, por esta via, conseguir algum tipo de controle e de asseguramento do possível fato, dado ou ocorrência. Isso, a saber, dado, ocorrência, fato, verificação, controle, (auto)asseguramento — enfim, isso não é *coisa* de verdade, quer dizer, não é próprio ou constitutivo do tema, do problema. Um tal encaminhamento do problema ou uma tal suposição (pré-compreensão) é já um desvio, uma falsificação. Aqui também dir-se-ia: no começo de tudo há um erro. Mas como? Por quê?

Por um lado, o desdobramento de *Ser e Tempo*, partindo da *ideia* de homem e de realidade desde e como *ser-no-mundo*, inviabiliza toda e qualquer compreensão deste tipo, desta natureza, ou seja, coisista, objetivista ou subjetivista. Mas o que quer dizer *ser-no-mundo*? Vejamos isso rapidamente.

2. De modo geral, ao se ouvir a afirmação, segundo a qual o homem, a vida ou a existência humana é, se faz ou se dá imediatamente como *ser-no-mundo*, achamos isso simples, evidente, mesmo óbvio. E isso é um ou mesmo o perigo. Consideramos assim: sim, é claro, o homem é no mundo, em um mundo ou como *ser-no-mundo* à medida que, vivendo e convivendo, existindo e coexistindo cercado de pessoas e de coisas, materiais e espirituais, de pedras, mesas, bolas, assim como de obras de arte, de crenças e de convicções religiosas, de ideias e princípios políticos e sociais, enfim de *coisas e de valores* — assim vivendo e sendo envolvido e solicitado por todas estas coisas, pelo *mundo*, o homem se volta, se *abre* para todas estas coisas e valores, sentidos, significações naturais e culturais ou espirituais, que passam a constituí-lo e determiná-lo. Coisas da natureza e do espírito, que, juntadas e somadas, constituem o mundo em torno ou em volta, para o qual o homem se volta, se relaciona, se *abre*, como que direta e espontaneamente, ou seja, imediatamente. E tudo isso, claro, passa a formar, a constituir e a determinar o homem no seu âmago, na sua essência.

Ao assim entendermos ainda estamos inteiramente fora e distantes da compreensão própria, ontológico-existencial, do homem, da vida humana (“*Dasein*”, *presença*) como *ser-no-mundo*.

Ao entendermos, tal como acima descrito, o homem voltando-se, *abrindo-se* natural ou espontaneamente para as coisas, para o em volta ou o entorno (o contorno, a circunstância) — ao assim fazermos, sempre já sub-pomos e pré-compreendemos o homem como pré- ou sub-existindo como um algo já dado, já constituído, então já um *sujeito*, seja como um (vago, impreciso) eu (que se abre), ou uma pessoa, ou uma consciência, ou uma vontade, ou uma alma, ou um espírito ou, por outro lado e contra tudo isso, como matéria,

orgânica ou inorgânica; energia física, eletroquímica, biofisiológica, etc, etc. Seria este *algum homem* assim já, vaga e nevoenta ou imprecisamente concebido ou mesmo incisivamente desde algum enérgico discurso científico, constituído e mesmo pré-constituído (o dado), que se voltaria, que se *abriria* para as coisas, materiais ou imateriais, para o *mundo*, e com elas ou com ele se relacionaria e, a partir de então, através de um sutil e arguto exercício intelectual, *dialético*, procurar-se-ia caracterizar como se dá, como se daria ou se faria esta relação, este inter-relacionamento — talvez coisa de intersubjetividade, ou dialógica, ou... Mas com certeza *intelectual, dialética!* Como dito, isso, esta sub- ou pré-compreensão (tácita, vaga, mas determinante), no entanto, não é o sentido da afirmação, da *tese*, e da compreensão do homem, da vida ou da existência humana (o *Dasein*) como *ser-no-mundo*. Mas como é, então?

A compreensão, a visão ou a *sacada* desconcertante é que o homem, originariamente²¹, não é *coisa* nenhuma ou *algo* nenhum dado ou constituído, seja espiritual, seja material ou imaterial. Quer dizer, originariamente, é preciso ver, é preciso *poder* ver e pensar ou compreender o homem como não sendo nem um eu, nem uma consciência, nem uma alma ou espírito, ou pessoa, ou vontade e nem nenhuma base física, material, orgânica ou inorgânica (biologia, neurologia, *física do cérebro*). Nada disso é dado primário, imediato, mas coisa tardia, epígona — por mais ingênuo e paradoxal que isso possa soar. Mas, então, afinal, o que é, como é o homem? Só e tão só *um modo de ser* (e *coisa* nenhuma, e *algo* algum), que se caracteriza como *poder ser* (possibilidade) tocado ou tomado (afetado) por um poder ser (uma possibilidade). É assim, enquanto só e tão só este estranho e insólito modo de ser, que o homem se caracteriza, originariamente, como *possibilidade de e para possibilidade* — e *coisa* nenhuma, e *algo* nenhum. Este *poder ser* assim tocado ou tomado (afetado) por possibilidade de ser é que esclarece a *abertura*, o *ek-stase-homem* ou “Dasein”, *presença* (isso é, na analítica existencial, o *Da* do *Da-sein*, o *ek* de *ek-sitência*). O homem é a possibilidade (a *aptidão*, a *propensão* ou a *pré-disposição*) para ser afetado (tomado, tocado) por (uma) possibilidade, isto é, por um *sentido*, por um *lógos* — enfim, por um *mundo*. Quando algo, quando o que quer que seja acontece ou se dá, *inclusive e sobretudo* o *próprio homem*, um *sentido* (*lógos, mundo*) já se deu ou já aconteceu, já se pôs, se interpôs ou introduziu. É graças, *é por obra e graça* deste sentido que sempre já veio e sobreveio (tomou, afetou), que tanto coisas como o próprio homem se dão, *podem* dar-se. É graças a este sentido já acontecido e que já sobreveio (isso define *transcendência*) que se dá ou acontece tudo quanto acontece ou se dá, tudo quanto *pode* dar-se ou acontecer, aparecer, fazer-se visível. Este sentido ou *lógos* sempre já *posto e interposto*, possibilitador e reunidor, compactador ou integrador de tudo que é e há — isso é *mundo*, o *mundo* no sentido ontológico-originário ou existencial.

²¹ *Originariamente*, isto é, tal como ele, *de fato*, jamais é, jamais pode ser encontrado ou verificado, pois de fato ele sempre já é constituído ou realizado em um mundo, em uma situação histórica ou fática. Não há o *primeiro homem*.

À guisa de rápida observação, faça-se constar que a análise, a explicitação dessa estrutura ou forma, a saber, a abertura ou *ekstase* (homem, *Dasein*) que é possibilidade de e para possibilidade — tal explicitação vai revelar ainda salto ou imediatidade e *inserção ou circularidade* (círculo) como igualmente constitutivos desta forma ou estrutura, de modo tal que ficará *vetada*, inviabilizada toda e qualquer fala, em nível arcaico-originário, de gênese, pois, de sujeito e/ou/*versus* objeto, interior e/ou/*versus* exterior, ativo e/ou/*versus* passivo, etc., etc.

Fechemos aqui este breve parêntese, que foi este tópico.

3. Heidegger, ao discutir a questão da verdade, e falando já desde *Ser e Tempo*, também o faz já falando desde, portanto, já sub- ou pré-supondo, a compreensão de verdade no horizonte da experiência grega de *alétheia*, ou seja, a experiência e a compreensão de real dando-se, fazendo-se ou realizando-se enquanto e como *desocultamento, desvelamento ou descoberta*. E este é o primeiro aspecto que, agora e aqui, se pretende esclarecer um pouco, pois, ao contrário do que possa parecer a primeira vista, esta fala de descoberta ou de desencobrimento de ou do real não é tão clara, tão óbvia.

Alétheia, desvelamento ou desencobrimento, não é um dado *objetivo*, em si e real, no sentido de algo existente e pertencente às coisas, como se diz, *objetivas*, fora, independentes do homem e que seria, então, constatado, verificado. Descobrir ou desocultar não é destapar algo que estava tapado, coberto com ou por outro algo — p.ex., o guardanapo tapando ou cobrindo o pão por causa das moscas. Tiro o guardanapo e, então, encontro, descubro algo que estava *atrás*, tapado, coberto (o pão), pronto, feito e acabado, real e em si mesmo, como coisa física e material, ali sobre a mesa na sua real realidade externa, objetiva, como uma ocorrência do e no mundo físico, externo, objetivo, etc, etc...

Não. Descobrir, desocultar, enquanto e como *alétheia*, é um acontecimento próprio, uma dimensão ou um modo de ser exclusivo do homem, isto é, da vida, da existência humana, que Heidegger denomina e compreende como “*Dasein*”, no sentido de ser uma presença subitamente (salto) irrompida, saltada, brotada. Sim, uma *presença*. No âmbito, no *espaço* — na abertura deste salto dá-se, acontece *alétheia*, isto é, desocultação, desvelamento, descoberta ou revelação. Esta irrupção súbita (salto) *no e desde* mundo (o *sentido*, o *lógos*, enquanto e como *transcendência*, pois ele *sobrevém ao homem*, o qual marca o ser-no-mundo), o abrir-se deste âmbito ou, melhor, o abrir-se da própria abertura como lugar e hora do homem, da vida ou da existência humana (“*Dasein*”) — *isso*, este modo de ser, é e faz-se, então, como ser no ver, no aparecer, isto é, na desocultação, no

desencobrimto, no mostrar-se e também recolher-se, retrair-se, que, para o grego, se denomina *alétheia*.

Assim sendo, verdade, enquanto e como *alétheia* (desocultação, descoberta), é um acontecimento, uma dimensão da vida, da existência humana, enquanto *inserção*, isto é, a irrupção, que é o ser-no-mundo. Certamente, o acontecimento, a dimensão da/na vida, do/no homem. Só há real, só pode haver ou dar-se real, só pode se dar ou aparecer real como real, isto é, *como tal*, porque há, porque dá-se ou faz-se — melhor, antes, *porque sempre já se deu ou já se fez homem, vida ou existência humana*. “Porque”, quer dizer, *graças* a isso, como *dom* ou *graça disso*, a saber, desta irrupção, deste acontecimento súbito e abissal — doação.

Dizer, porém, que só há, que só se dá real como real, como tal, desde ou a partir do homem não quer dizer que o homem, subentendido como alguma substancialidade ou sujeito (alma, consciência, eu, vontade ou organismo, base ou lastro biofisiológico) seja a causa, o autor (sujeito), o “dono” do real, das coisas, de tudo quanto há e pode ser ou haver. Não. Que o real, todo e qualquer, só seja, só possa ser desde ou a partir do homem quer dizer, sim, que o homem (enquanto *inserção*, ser-no-mundo e então *presença*, *Dasein*) é o *lugar e a hora* do real, de todo e qualquer real, ou seja, do aparecer e mostrar-se como tal, do revelar-se ou do *desencobrir-se* de todo e qualquer real, à medida que ele se faz o *destinatário* (e não o autor, a causa, o sujeito) desta aparição, desta revelação ou desocultação — portanto, de *alétheia*.

Destinatário — como? Há algo de extraordinário nisso. E isso, ser o destinatário, quer dizer: o homem está, é apto a receber, a ser tocado e tomado por um tal envio, a saber, por uma tal revelação, por um tal desencobrimto, por uma *gênese* do real. Mas o real, todo real, é o fazer-se ou o acontecer da possibilidade-mundo, da possibilidade-*lógos*. Então, aí o extraordinário, o homem, *antes* de ser algum sujeito (eu, consciência, alma, espírito, fundo biológico ou que quer que seja), é a possibilidade (aptidão, disposição ou pré-disposição) de ser tocado e tomado por possibilidade, isto é, por mundo, sentido, *lógos*, a qual perfaz a *gênese* do real, de todo e qualquer real possível.

Toda fala, todo discurso sobre ou a respeito de homem, descrevendo-o ou caracterizando-o como alma, espírito, consciência, eu, pessoa ou cérebro, a atual física do cérebro, como neuro-biologia, neuro-ciência, genética, etc, etc, — enfim, tudo isso é tardio, posterior, de *segunda instância*. Em outros termos, nada disso é dado primário, imediato. Esforço insensato e desesperado, à maneira de Münchhausen, isto é, arrancando-se, puxando-se do pântano pelos próprios cabelos, para descrever e caracterizar o fenômeno arcaico-originário, a partir do qual todas estas falas, todos estes discursos *já se fazem, já se dão*. Em suma, são possíveis. É sempre querer saltar sobre a própria sombra.

Tal fenômeno, tal irrupção arcaico-originária ou *elementar* — isto é, o *elemento* ou *medium* — denomina-se ser-no-mundo e esta estrutura diz o modo de ser (e não coisa, algo)

Dasein (enquanto e como “olho” irrompido, olhar explodido, ou seja, homem, vida humana como *presença súbita*) enquanto e como possibilidade de e para possibilidade, *antes* de ser qualquer outra coisa ou algo possível, p.ex., espírito, alma, *corpo*, este entendido como organismo, biologia, etc., etc. Arcaica ou originariamente²² o homem é *coisa* nenhuma, *algo* algum, mas só e tão só um *oco*, um *buraco*, que pode e precisa denominar-se possibilidade de/para possibilidade. *Arredondando* e agravando esta formulação, Kierkegaard caracterizou o estrato ontológico básico, elementar da vida, da existência humana, dizendo: “é a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade”²³. Insistamos, porém, nesta formulação de possibilidade de/para possibilidade.

A caracterização do homem (*Dasein*, *presença*) enquanto e como ser-no-mundo quer dizer: o homem, *antes* de ser este ou aquele homem determinadamente (um Pedro, uma Maria, mesmo um espírito, consciência, etc...) é só e tão só a possibilidade de ser tocado ou tomado (afetado) por possibilidade. “Possibilidade”, duas vezes empregada, não denota, em cada emprego, *a mesma coisa*. O homem é possibilidade, isto é, ele é disposição, pré-disposição ou aptidão *para*. Antes de qualquer algo constituído (eu, alma, espírito, corpo...) o homem é esta aptidão, esta disposição ou pré-disposição *para*. A isso, a este modo de ser, denomina-se também *abertura*. E ele é esta aptidão ou abertura enquanto e como possibilidade (aptidão, abertura) *para possibilidade*. Agora, no segundo emprego, possibilidade está se referindo a *mundo* na estrutura ser-no-mundo, ou seja, o homem, originariamente, é possibilidade para ser tocado e tomado (afetado) por um sentido, por um *lógos*, que em si e por si mesmo é igualmente possibilidade de ser, de vir a ser ou tornar-se, à medida que este sentido (mundo, *lógos*) é movimento de *alteração* (= vir a ser outro) ou diferenciação. Sua auto-transformação. Este mundo (sentido, *lógos*) é o *um* que em si mesmo se diferencia, se altera, isto é, vem a ser outro na concretização, como concretização ou singularização. Este mundo (possibilidade, *lógos*, sentido) como que *usa*, faz uso ou se *apropria*, se *apodera* do homem (*Dasein*), ou seja, da abertura ou da aptidão (disposição ou pré-disposição) *para ser tocado e tomado* (= *afecção ou afeto*) por mundo (possibilidade, sentido, *lógos*), o qual *no* homem e *desde* o homem (o *tocável*, o *tomável* ou o *afetável* — esta a sua excelência ou o seu próprio propriamente dito) se ex-põe, ou seja, se realiza, se concretiza, à medida que se diferencia e se transforma. É assim, neste, desde este e como este *uso* ou *apropriação* do homem (da possibilidade de/para, da abertura), que o homem vem realmente a ser homem, a tornar-se *este* ou *aquele* homem determinadamente, singularmente. Ou seja, ele, assim, tornar-se-á um *eu*, ou uma consciência, ou uma alma, ou uma vontade, também um corpo biológico, um *organismo*, com todas as suas possíveis determinações ou caracterizações desde este horizonte ou *positum* — faz-se possível, p. ex., psicologia, fisiologia, genética, etc.

²² Isto é, já dissemos acima, tal como jamais se pode encontrar, *achar* concreta ou faticamente, uma vez que não há, que não pode haver o *primeiro homem* (a estrutura de salto, súbito e, então, inserção, o *sempre já* no mundo, veta, inviabiliza isso) a ser encontrado por qualquer arqueologia ou paleontologia...

²³ Cf. Kierkegaard, S., *Conceito de Angústia*, I, § 5

Ser-no-mundo, em dizendo esta estruturação de possibilidade para possibilidade, evidencia que o homem, originariamente, é *história*, quer dizer, ação, atividade, *drama*, que, na verdade, é tempo fazendo-se tempo, se *temporizando*. Daí "Ser e tempo", isto é, *ser-tempo*. O homem não é nada, *coisa* nenhuma, mas só, tão só este insólito, este propriíssimo ou *ípsíssimo modo de ser*. E este é o elemento, o *medium*, de tudo que é, de tudo quanto há e pode haver. E esta estrutura, que é abertura e que assim se faz história, é isso ou tal estrutura à medida que *antes e igualmente é liberdade*, pois esta possibilidade de/para diz: aberto, *livre* para.

Pois bem, esta estrutura, esta *forma* (= gênese ontológica) ser-no-mundo, enquanto e como liberdade e história, é um e o mesmo com *alétheia*, com o acontecimento que é o movimento (história-liberdade), a dinâmica ou o jogo desvelamento/velamento, descoberta/retração, iluminação/ocultação.

4. Todo homem, enquanto homem e porque homem, está — mais, é na determinação de verdade como *alétheia*, isto é, como desocultação, desvelamento ou descoberta. Na verdade, é isso que caracteriza, que explicita ou esclarece a tradicional fala, desde os gregos, de ser o homem na determinação do *ver*. Ver, aqui, quer dizer: ser no sentido, na determinação do aparecer. Ver é ser na determinação, no sentido do aparecer, mostrar-se ou fazer-se visível. Ver é, pois, ser no e como *ver-aparecer*. Justamente este modo de ser perfaz a humanidade do homem — sua identidade ou seu próprio. O homem é homem porque é isso, *graças* a isso. E: por quê? Desde onde? Qual a causa? Como? Não há *por quê*, não há *de onde*, não há *para onde*: dá-se, faz-se, há, é. Por obra e graça de... *nada*. Por isso, gratuidade, doação, excesso, transbordamento. Dádiva, presente — *presença*, *Dasein*. E ser este e neste ou desde este modo de ser faz do homem, originariamente, não uma *coisa* ou um *algo* qualquer, mas justamente só e tão só este *modo de ser* — e *coisa* nenhuma, *algo* nenhum. A essência, isto é, a força geradora ou a gênese de tal modo de ser é liberdade. Não liberdade como o ato *livre* de deliberação de *alguém* (Deus, p. ex.), de alguma *vontade* livre, de algum princípio ou de alguma força (p.ex., natureza, matéria, energia), de alguma *faculdade* ou *propriedade*. Mas liberdade como *liberação* à medida que é doação e graça. De graça. Eclusão. Irrupção. Isso, tal eclusão ou irrupção desde nada, por nada e para nada — isso é liberdade. Gratuidade, no sentido de pura doação. Ser neste modo de ser (*verdade*, *homem*), enquanto e como liberdade (irrupção, graça, doação, gratuidade) — isso, igualmente, constitui, perfaz o ser *na* e *desde a transcendência*. Transcendência é esta pura eclusão, pura irrupção, que *vem sobre*, que assim se apropria, se apodera, que *sobrevém*. "Pura", quer dizer: *só, tão só*. Por nada, desde nada, para nada.

Ein Baum stieg. O reine Übersteigung!²⁴

²⁴ Cf. Rilke, R.M., *Sonetos a Orfeu*, I

“Uma árvore irrompeu. Ó pura irrupção, pura *transcendência*”. Ou a mesma experiência abissal, alegre e festiva, em Tupiniquim, quando, de repente, alguém vê “um anjelim que atira para cima cinquenta metros de tronco e fronde” e, num ímpeto, cria “este absurdo vocativo” e brada: “Ó colossalidade!”²⁵ Pura irrupção, pura transcendência. Gratuidade. Doação. Graça. Transbordamento, superabundância. *Colossalidade!*

5. Ser homem é ser ou estar irrevogavelmente na determinação, no modo de ser verdade, enquanto e como *alétheia*, isto é, desvelamento, descoberta e, assim e por isso, aparição, iluminação, *luz*. Mas isso, porém, ainda não é ser ou estar na verdade (*alétheia*) *como tal*, ou seja, dando-se conta, acolhendo e celebrando, este modo de ser *nele mesmo e como tal*. Para tanto é preciso *despertar* — pois “acordados, estão dormindo” . “Sem compreensão: ouvindo, parecem surdos. O dito lhes atesta: presentes, estão ausentes”²⁶.

Portanto, para a abertura (o despertar) que é ser na verdade (*alétheia*) é preciso igualmente *abrir-se*, despertar. Não se trata somente de ver, mas de ver o ver. Sim, assim, o homem, a vida, entra no seu próprio elemento e se faz pensamento. O puro elemento do pensar, disse Hegel²⁷. É preciso, pois, despertar (ver!) para o modo próprio de ser que é ver, isto é, é preciso abrir-se *para* ou *despertar para o ver*, *para o próprio despertar*²⁸ como tal e, assim, ser no modo de ser que é ver e ver que vê, quer dizer, ver o próprio ver. Puro quixotismo. Isso, este acontecimento, na Grécia, marca o nascimento da filosofia, quer dizer, o irromper do *lógos* como lugar e hora do real, de todo real. Não é, como se costuma dizer, passagem do mito para o *lógos* (da i-rrazão para a razão!!), mas o revelar-se que o mito *é* *lógos*. E: o que é, como é *lógos*, quer dizer, a própria realidade do real? Por esta via, assim, verdade, enquanto e como *alétheia*, faz-se destino, ou seja, não fatalismo ou fatalidade, mas *um* ou mesmo *o envio*, que marca, que *decide* o Ocidente, a Europa. O nome deste envio é *história*, “Geschichte”. Não história no sentido de historiografia ou ciência histórica, ou seja, como catalogação e inventário de datas, de fatos e dados, de *documentos*, mas história como *acontecer*, *suceder* ou o *vir-a-ser* deste envio, deste modo de ser em se fazendo e se alterando, e que constitui o *drama*, a *gesta* do homem. É este o sentido de “Geschichte” (e não “Historie”), de história, entendida vital, existencial ou ontologicamente. Aqui e assim, ser no sentido de ser, que é ser no sentido, na determinação, no envio de verdade (*alétheia*), faz-se ou torna-se a própria história (envio, destino) de verdade (*alétheia*). O Ocidente, a

²⁵ Cf. Rosa, J.G., *São Marcos*, em *Sagarana*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1978, p. 238

²⁶ Cf. Heráclito, frag. 34, Diels, trad. E. Carneiro Leão.

²⁷ Hegel, em uma de suas “Preleções sobre a história da filosofia”, ao comentar Tales de Mileto e o seu “tudo é água”, diz ser esta a “primeira frase filosófica” e que com esta “proposição está aquietada a imaginação selvagem, infinitamente colorida, de Homero” (o mito). Inicia-se um pensamento “sem imagem, sem figuração”. Exatamente este é o diagnóstico de Nietzsche em seu ensaio “A filosofia na época trágica dos gregos”. Igualmente, comentando Tales e o “Tudo é água”, diz que com isso começa um pensamento “não-místico e não-alegórico”. Isso, este modo de ser, de ver, marca o que Hegel denomina, em outros lugares, “o puro elemento do pensar”. Cf. *Os Pensadores*, Vol. I, *Os Pré-socráticos*, Abril Cultural, São Paulo, 1973, p. 15 e 17 respectivamente.

²⁸ Ver *ou* ouvir — vital ou existencialmente, aqui, ver e ouvir dizem o mesmo.

Europa é a assunção, a tomada sobre si *deste fardo*, deste destino. Um destino, um envio, é sempre um fardo — mas *leve*, pois tarefa e a alegria da e na ação, da e na tarefa *possível e necessária*. Dito mais claramente: o Ocidente, a Europa é a tomada sobre si *de destino*, de história, enquanto e como envio, destino, história de verdade. O Ocidente, a Europa, *não pode mais não ser isso*. Ou...?! Barbárie, deserto, *niilismo*.

6. E destino, dizendo história, está igualmente dizendo *conquista*. Mais: *autoconquista*. Estranho, muito estranho isso que pode, e então precisa, acontecer ao homem: abrir-se ou despertar para aquilo que ele propriamente é, a saber, homem (ser na *verdade*, no *ver*) e então *conquistar*, *precisar conquistar* isso (este modo de ser) que ele é. Vir a ser o que é. Este é o imperativo maior. Por quê? Para quê? Não há isso. Tais perguntas, e as exigências ou reivindicações nelas contidas, já pertencem ao moralismo. “Imperativo” não está falando de nenhum prescritivo dever ser moral, mas pura e simplesmente de uma necessidade vital, existencial. A partir deste abrir-se ou deste despertar *para* a abertura (modo de ser) que o marca, que o estigmatiza, a partir daí viver ou existir “in hoc signo”, neste ou desde este modo de ser, que é ser para a verdade (*alétheia*) como tal — enfim, a partir daí, tudo que o homem faz é, *precisa ser* esforço. Esforço ou empenho. Esforço ou empenho para vir a ser o que é, o que *pode* e, então, *precisa ser*. A este esforço ou empenho denomina-se *conquista*, *autoconquista*. Isso, este esforço, pode ser leve. Ele é leve — quando se faz necessário envio, destino e, então, *liberdade para*. Isto é, liberdade para a liberação de uma identidade, de um *próprio*.

Aqui e assim cumpre-se a vida, a existência que se faz como o exercício, a cada passo, desta conquista. Exercício — sim, *ascese*. Tal vida *crece*, é *crescimento*. Mas nada acumulativo, somativo, aglutinante. Quantitativo. Algo do tipo *engorda para abate*. Nada de agigantamento evolutivo, teratológico. Nada chocho, balofo, *gordão*. Vida cresce, quer dizer, *agrava-se*, *intensifica-se*. Vida torna-se, a cada passo, em conquista e autoconquista (esforço, empenho), *mais intensa*, *mais grave* — *mais simples*. Mais sóbria, mais *econômica* — de gestos, de atos, de afazeres. “A intensidade exige concisão”, diz limpamente Francis Bacon, à busca da *forma*, à busca de gênese ontológica²⁹. Este é, sim, o caminho *da*, *para a forma*. *Vir a ser o que é* é *enformar-se*, vir a ser forma, a gênese ontológica que é, que o homem é. Assim cumpre-se realmente vida, ou seja, o movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo. Assim tem-se vida enquanto e como vida *ascendente* (que *crece*), própria, *autêntica*. E isso é vida nobre, aristocrática — claro, sem nenhum laivo ou ranço de coisa étnica, social, política. É *tônus*, é tensão vital, existencial e, por isso, *amor próprio*. A vida forte, mais forte, isto é, mais grave e mais intensa, mais *nítida*, mais *evidente*, limpa e límpida — nisso e por isso mais destino, mais necessidade de envio, de *um* envio. Menos escolha e mais livre (!), pois mais ação necessária para a liberação de um próprio, de uma identidade — o fardo que é leve, pois é a medida, a medida necessária. E, por isso, mais *nobre*, ou seja,

²⁹ Cf. Sylvester, D., *Entrevistas com Francis Bacon – a brutalidade dos fatos*, Cosac & Naify, 1995, p. 176.

desenhando, esculpindo, dando forma a um *nome*, a uma *identidade*: o nome *Homem* no exercício de sua humanidade, no cumprimento de seu modo próprio de ser — de seu destino, pois. Ele, assim, esculpe a sua humanidade, a sua identidade ou o seu próprio. E, na verdade, de fato, este escultor é o tempo, o tempo fazendo-se tempo, urdindo-se em sua temporização. É o tempo, pois tudo isso é obra de, da história, “Geschichte”. História e liberdade. *E isso, este modo de ser, é verdade*, enquanto e como *alétheia*.

Aqui, à luz deste sentido, em sussurro, ouvimos uma fala de Hegel, que ganha corpo, se enche, cresce e se faz evidência e autoridade: “Verdade — esta será sempre uma grande palavra. E, ao ouvi-la, um coração valente, nobre, pulsará sempre mais forte”³⁰.

Um coração nobre, intrépido, valoroso, valente. Também Parmênides faz eco por aí. Um coração, uma força, um valor, que pulsa ao ouvir a força, o valor da verdade, de verdade — a força, o valor que a verdade é. Estamos de volta a Nietzsche!?

7. Em Nietzsche, para se compreender a questão da verdade, na sua radicalidade ou essência, é preciso vê-la, entendê-la desde a arte, como arte. Arte é a dimensão ou o modo de ser de vida na(o) qual, exemplarmente, dá-se ou faz-se realidade, ou seja, a *realização* de realidade. E realidade, arcaicamente, é verdade, pois verdade passa a ser o nome do movimento de realização de realidade, de sua *gênese*, uma vez que realidade, enquanto realização, é gênese — gênese de realidade. E, enquanto gênese, criação. E é como gênese ou criação que dá-se, que faz-se verdade — portanto, nada de correspondência ou adequação a algum estado de fato, seja objetivo, seja subjetivo. Verdade é o nome da ação, da atividade de vontade de poder (vida) enquanto e como aparecer, mostrar-se ou fazer-se visível, que é criação, pois diversificação, diferenciação.

E parece que Nietzsche pensa e diz o contrário de Heidegger a respeito de verdade. Pois, ver-se-á, ele diz textualmente: *verdade não é descoberta*. Está, estaria Nietzsche dizendo: verdade não é, não se faz ou não se dá desde e como *alétheia*, isto é, desvelamento, *descoberta*? Mas, parece, estamos misturando as coisas, *forçando a barra*, uma vez que Nietzsche jamais fala de *alétheia*. Isso é coisa de Heidegger, mesmo de heideggerianos e de heideggerianismo — coisa da escola e da confraria. O fato, porém, é que Nietzsche pensando verdade desde e como arte, então desde e como criação, está falando a partir do mesmo *fenômeno*, a partir da mesma *experiência* de verdade e respectivamente de realidade. Para falar do mesmo fenômeno e da mesma experiência (lembramos: experiência é evidência) não é preciso que um pensador faça uso do mesmo *nome*, da mesma *terminologia*, das mesmas expressões ou designações. O decisivo é justamente o fenômeno, a experiência própria fundadora e instauradora do fenômeno. Ou seja, decisivo é a experiência e a evidência que daí brota, irrompe. E aqui a única coisa que interessa é o fenômeno, a experiência própria fundadora

³⁰ Cf. Hegel, G. W. F., Werke in zwanzig Bänden, Band 18, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Suhrkamp Verlag, Frankfurt, 1975, S. 33.

e reveladora do fenômeno. Em suma, no caso, só nos interessa a questão, o problema nele mesmo. E jamais o Heidegger ou o Nietzsche pelo Heidegger ou pelo Nietzsche. Este tipo de acribia é coisa de *pesquisador* e de *especialista* — o que não é e não quer ser, de modo algum, nosso caso.

Mas, retomando o problema, a questão. Em uma anotação do outono de 1887, Nietzsche escreve: “Verdade não é algo que estivesse aí e, assim, algo que seria encontrado, descoberto, mas algo *por criar* e que dá o nome a um *processo* ... [verdade] é um *determinar ativo* — não um tornar-se consciente (tornar sabido) de algo que já estivesse fixado e determinado. É uma palavra para a *vontade de poder*”³¹.

Portanto, Nietzsche está dizendo o que já falamos a propósito de verdade enquanto e como descoberta (*alétheia*): verdade não é algo que eu encontre aí como dado, como coisa feita, pronta e acabada a ser constatada, verificada, embrulhada ou embalada para ser usada ou consumida. Neste sentido, não é nada *descoberto* (“fixada e determinada a ser encontrada e descoberta”) — o descoberto, aqui, tem o mesmo sentido de topar-se com algo feito, pronto e acabado e, assim, encontrado, verificado, constatado e assegurado. Tal como acima dissemos que verdade, enquanto e como *alétheia*, não é destapar o pão encoberto, tapado pelo guardanapo ou pela toalha e encontrá-lo, *descobri-lo* ali atrás, feito, cristalizado, sedimentado, à espera de uso e de consumação. Portanto, como já se viu, Nietzsche está igualmente dizendo que, em se falando de verdade, não se trata de nenhuma adequação, de nenhuma correspondência a nenhum estado de fato — *objetivo ou subjetivo*.

Nietzsche, ao contrário, diz: não, verdade não é isso e assim, mas “algo por criar e que dá o nome para um *processo*”, o qual “é uma palavra para a *vontade de poder*”. Bem, e o que quer dizer isso? O que é criar, como? Como um processo, que é outro nome para criar? E como verdade, i. é, criar, é uma palavra, quer dizer, um outro nome para vontade de poder, ou seja, para vida? O que dá este *direito*? É preciso encaminhar uma compreensão, uma elaboração deste problema, o criar, a criação, e ver-se-á então que verdade, criar, processo e vida (vontade de poder) constituem ou perfazem um único e mesmo movimento, uma única e mesma estrutura ou dinâmica. Enfim, um único e mesmo fenômeno. E é possível que, por esta via, a saber, criar, cheguemos ao mesmo fenômeno e à mesma experiência (ainda que não nos mova e não nos interesse *provar* isso. Não se trata, aqui, de nenhuma *tese*), qual seja, verdade enquanto e como *alétheia* — desvelamento, descoberta, mostrar-se ou tornar-se visível. Valor é isso: ele mostra, ele *evidencia*, ele ilumina e, assim, faz, torna visível. Melhor e mais claramente: ele *é* isso, ou seja, ele é o próprio aparecer, o próprio mostrar-se, *impor-se*, fazer-se visível do real, do que aparece, do que é e há — do que *vale*.

³¹ Cf. Nietzsche, F., KGW VIII-2, 9[91], p. 49 ou *A Vontade de poder*, op. Cit. nr. 552, pág. 288.

8. O que é criar? Como é criar? Habitualmente, de modo explícito ou não, associamos criar à novidade, ao novismo, e isso a reboque de subjetivismo. Fantasia, ficção, dizemos. Explicitamente ou não, associamos esta fantasia e ficção, com as quais identificamos criação, com a atividade de um eu, de um sujeito ou de uma subjetividade e o criado seria expressão, objetivação desta subjetividade. Isso seria a fantasia ou a ficção como produção de um sujeito, de uma subjetividade, diz-se. Neste contexto, de modo geral, criação é *expressão*, isto é, pôr ou espremer para fora, de um *dentro*, de um interior — o sujeito (seja lá o que for e como venha a se determinar). Está aí reproduzida a dinâmica do esquema dentro *versus/e/ou* fora, interior *versus/e/ou* exterior, sujeito *versus/e/ou* objeto, etc, etc.

No entanto, deve-se entender criar, criação, como a ação ou a atividade de *pro-moção* (i.é, de levar adiante, à frente, o que Nietzsche, na citação acima, chamou *processo*) de uma força, de uma possibilidade — portanto, de vida, de vontade de poder. Observe-se que é um levar adiante voltando, isto é, revigorando-se, pois vida, não sendo jamais progresso infinito, balofo e inflacionado, é sempre volta, retorno, retomada. E, na retomada, revigoramento ou revitalização de força, de possibilidade, ou seja, de vida se fazendo vida. Sim, insistente revitalização. E isso para o *bem* ou para o *mal*, quer dizer, seja como vida ascendente, criadora (produtiva, *poiética*), seja como decadência, niilismo (esterilidade, inércia, tédio, apatia). A questão aqui é, seria, o *quê* que volta no insistente voltar, retomar, quer dizer, que tipo de força se refortalece, se revitaliza ao voltar, ao ser retomada. Criar é, pois, *pro-moção* da dinâmica do mostrar-se, aparecer ou fazer-se visível de vida. Assim, criar é a ação, a atividade de promoção, de impulsionar e fazer vir a ser um sentido, pois força é sentido. Força, *valor*, é o nome ou um outro nome para dizer o ou os verbos de ou na vida, de ou na existência, isto é, as dimensões, aberturas, perspectivas ou interesses de realização ou concretização de vida.

Mas como promover, promoção? Não é isso atividade de *eu*, de vontade pessoal, de sujeito, de subjetividade? Não. Mas Nietzsche, estranhamente, ao se perguntar pelo *como* do criar, da criação, diz: *querendo*. Mais: *mandando*. *Criar é querer e mandar*. Melhor, querer como mandar — um querer que é mandar. Ora, de novo, não é isso o extremo, o estertor de sujeito, de subjetivismo, de voluntarismo? Não é o paroxístico da igualação, do achatamento, do nivelamento de tudo à vontade subjetiva, ao querer do eu, ao despotismo, à tirania do individual? Não. Trata-se de humildade e doçura. Humildade, doçura e *gratidão*. Como?!

Perguntemos de fato: o que é mandar? Como? E agora precisamos considerar que, em respondendo à pergunta pelo mandar, estaremos esclarecendo querer — a vontade que, já dissemos, só há e só se faz como *quero*.

Um texto extraordinário, onde Nietzsche formula e explicita vida como vontade de poder, é o discurso da segunda parte do *Zarathustra*, intitulado *Da auto-superação* — “Von der Selbstüberswindung”. Superação, antes, auto-superação fala da estrutura ou da

dinâmica da vida enquanto e como auto-ultrapassamento, auto-transcender-se, ou seja, a dinâmica de auto-diferenciação ou auto-alteração. E isso quer dizer: desde ou a partir de si (auto), vir a ser *outro* (alterar-se), transformar-se, transfigurar-se. Isso mesmo é criação — vida se auto-pro-movendo. Assim, auto-ultrapassando-se e auto-transfigurando-se, vida *crece*, quer dizer, se agrava, se intensifica, em se tornando mais *simples*.

E neste texto, neste discurso do *Zaratustra*, vida (vontade de poder, isto é, movimento *espontâneo* de/para o aparecer, vir à luz, e, assim, pôr-se e impor-se) é apresentada como uma estrutura (quer dizer, como um todo *complexo-simples*, uma *articulação* ou *composição*, que perfaz um *um*) de *mando e de obediência*. Não vamos agora, aqui, nos estender no tema, que é enorme e radical. Vamos anunciá-lo e esboçá-lo para nossa finalidade, nosso *uso* aqui e agora.

Inicialmente, mandar é dar tarefa, dar *quefazer*. E isso porque vida é ação, atividade, ou seja, ela não pode não ser ação, ocupação, atividade de *ex-por-se*, de auto-expor-se, quer dizer, de aparecer, mostrar-se, *fazer-se visível* enquanto e como ação e exposição de uma força, de uma possibilidade ou de um sentido (ainda: *lógos*, interesse, perspectiva, *mundo*). A própria vida segreda a Zaratustra: “Onde há vida há mando e obediência... e manda-se naquele que não pode obedecer a si próprio”. Sem maiores explicações, ouçamos assim a última frase citada: “Dá-se tarefa, dá-se quefazer àquele que, desde si mesmo, não tem e não é uma tarefa (quefazer, i.é, interesse...) própria, uma atividade desde si mesmo, a qual libera ou liberta um próprio, uma identidade.” Este que não tem ou não é uma tal atividade desde si mesmo — este propriamente não vive, à medida que vida, em seu sentido imediato ou primeiro, é movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo. Mandar, pois, é colocar vida em movimento — fomentar, promover vida. Mas isso é um pleonasma. É chover no molhado, pois vida é sempre já movimento, não pode não ser movimento. Antes, trata-se de *sustentar e manter* em movimento, em devir, o que em si e por si já é sempre movimento, devir. Mas, ora, isso é preciso? Isso *se impõe* para o vivente, o homem e só o homem, que *participa* de vida, que, desse modo, *é* propriamente vida. Mandar, em impondo ação à medida que é dar tarefa, é sintonizar-se (pôr-se no mesmo *tônus*, na mesma *força*) e sincronizar-se (pôr-se no mesmo *tempo*, *andamento*). Isso, sintonizar-se e sincronizar-se, constitui *participação, participação vital ou existencial* — *experiência* (Nietzsche diria ainda: *corpo*). E como isso? *Obedecendo*. É desde e como obediência que se faz, que precisa se fazer todo e qualquer autêntico mandar. Obediência?!...

Onde há vida, há obediência — “Todo vivente é um obediente”, diz o *Zaratustra*³². Onde há vida, há mando e obediência. E, mais: onde há mando, *precisa* haver obediência. E mais ainda: só há, só dá-se e só faz-se real, autêntico mando onde há, dá-se e faz-se real, autêntica obediência. A obediência é o deixar ser, o deixar vir a ser de *transcendência*, isto é, o deixar *fazer-se e acontecer* do que vem e sobrevém ao homem desde e como salto, irrupção, então, afeto — a saber, vida enquanto e como força, sentido, que se apropria ou

³² Cf. Nietzsche, F., *Da auto-superação*, em *Assim falava Zaratustra*, II

se apodera do modo de ser que é o apropriável, o apoderável, quer dizer, o homem e só o homem. Obedecer é deixar ser o que ultrapassa, o que transcende — a força, o sentido, o *lógos*?! Como?! O que é, como é realmente obedecer?

O texto em questão, no *Zarathustra*, pergunta: “Como, pois, se dá isso?!, perguntava-me. O que persuade o vivente de modo tal que ele obedece e manda e, mandando, ainda assim cumpre (exerce, exercita, “*übt*”) obediência?”³³

Tomemos pé na coisa e esclareçamos de vez o que é obedecer — até e sobretudo para esclarecer o mandar. Já dissemos, não cabe, como habitual e apressadamente se faz, entender obediência, de cara, como cega sujeição e daí servilismo e subserviência. Isso é forma tardia, decadente ou degenerada de obediência. Obedecer (de “*obaudire*”) quer dizer *ouvir* — pôr-se a ouvir, o que se faz ou se dá pelo ouvir, através do ouvir. Escuta. Nietzsche explora e acentua isso. No alemão, “*gehörchen*” (obedecer), “*Gehorchendes*” (“o obediente”) provém igualmente de ouvir — “*hören*” (ouvir), “*zuhören*” (ouvir com cuidado, com acuidade), “*horchen*” (igualmente ouvir com cuidado, *auscultar*). Obedece aquele que, *ouvindo*, dá-se conta do que merece ser ouvido e seguido e, então, *segue*; aquele que, *ouvindo* e desde o que esta escuta, por *merecimento e persuasão*, põe e impõe, *deixa-se levar*, conduzir. Assim é o *deixar ser*. A obediência que se fizer sem esta escuta, esta, sim, se tornará sujeição servil, subserviência.

Fazer o que quer que seja, precisa ser um seguir e deixar-se levar, conduzir, pelo modo de ser próprio deste fazer e acontecer que, assim, vem à fala, se concretiza, se realiza, à medida que, enquanto e como *passagem* aparece, vem à luz, se revela. E isso é a *participação vital* — a sintonia ou a sincronia com força, com sentido, enfim, com *vida*. O pôr-se e dispor-se, em espera e escuta, em *ausculta*, a este vir-a-ser — isso caracteriza o *seguir*, que é obedecer, obediência, desde e como escuta. Escuta que é espera. Espera que é paciência — “um à toa muito ativo”. E espera e escuta são indicadores de incompletude; de ser, de precisar ser um *por fazer*. Quem ou aquele que faz isso, que assim segue ou obedece — este *tem* ou *é* o direito (i.é, a *razão*, o *fundamento*) de mandar, isto é, de dar direção à vida à medida que dá tarefa, quefazer, apontando, indicando, insinuando e, assim, persuadindo. A persuasão é o convite a seguir doce e dócil. O mandar que não se fizer desde uma tal escuta, desde uma tal obediência — este, sim, é arrogância, prepotência, autoritarismo, que irrompe de caprichos subjetivos, de laivos, enlevos e eflúvios voluntaristas, pessoais. Como lisonja do e ao *eu*.

Criar, criação, não é ânsia ou cobiça de novo (o “*Neugier*”, o *curioso*, diz o alemão e que, literalmente, é “aquele que tem, que é a cobiça do novo”), não é a veleidade do novismo ou o afã do novo pelo novo, mas algo que se faz e se dá desde este modo de ser de escuta (e de espera), a obediência, e, assim, promove, isto é, sustenta e sustém a vida no seu irremediável e inocente acontecer, irromper, enquanto e como *alteração*, diferenciação: o

³³ *Idem*.

um que em si mesmo se diferencia, se altera. Tal mando, é preciso que se confesse, nasce desde humildade e gratidão. É todo gratidão e humildade — obediência, escuta. Doçura. Ternura. Assim é o criar.

O que ainda caracteriza esta doçura e obediência própria do mandar e do querer é que o real, o autêntico querer é querer *o que pode* — só o que pode. Querer *mais*, isto é, querer o que *não* pode — isso é demais, é presunção, é arrogância do eu, da *vontade*. Querer o que pode, quer dizer, um querer que anda ajustado a uma possibilidade, compassado e comedido com uma força ou com a possibilidade própria, a partir de que cumpre-se, realiza-se o “vem a ser o que tu és” ou a liberação de um próprio, de uma identidade. O exercício da liberdade. Este querer assim ajustado com o poder, assim compassado com a possibilidade própria (o *limite*) — isso é o *seguir*, isto é, o *obedecer*. Tanto o mandar quanto o querer são, pois, *regulados* pela *obediência*, quer dizer, pela *escuta*. E, se quiséssemos avançar com a caracterização de escuta, precisaríamos dizer e mostrar: *escuta (obediência) é corpo*. O corpo, a escuta, que é, no mesmo ato e como o mesmo ato, *sentir e ver (perceber, aparecer, ser)* — *aísthesis e nous, noein*. Isso, porém, fica só no anúncio.

9. Dissemos acima que mandar, e então criar, é um ato, um gesto desde humildade e gratidão. Falou-se de obediência, de escuta e ainda de doçura e de ternura no criar, para criar. Isso não cheira a sentimentalismo, a pieguice? Beatice, que tem a ver com Francisco de Assis, mas nada com Nietzsche, que é o contrário de tudo isso — o titã, o selvagem, o *fauve*, o irracionalista, o demolidor, o *cara* da “besta louca”. A isso Nietzsche responderia: parecer, opinião, diagnóstico de quem não é capaz de ouvir *a flauta de Dionisos*, mas só o gigantismo wagneriano. Leitores lentos, escutadores da *flauta de Dionisos* e de entrelinhas — leitores dotados daquela *faculdade vacua*, a ruminação, veem nesse impetuoso e nesse demolidor coisa de jovem, de muito jovem, de demasiado jovem. De gente que, tarde demais, ficou jovem demais... Muito estardalhaço, muito ruído, barulho demais. E, por um lado, “barulhada, alarido (“Lärm”) mata pensamentos” e, por outro, “Sem Voz” sussurra a Zaratustra: “As palavras mais silenciosas, mais mansas (“Die stillste Worte”) são as que trazem a tempestade. Pensamentos que dirigem o mundo (pensamentos, grandes pensamentos são sempre ações, grandes ações) vem com pés, com passos de pombo”. E, mais adiante ainda, continua o sussurro de “Sem Voz”: “O orgulho da juventude ainda está sobre ti (Zaratustra). Tarde te tornaste jovem. Mas quem quer tornar-se criança — este precisa ainda superar sua juventude”³⁴.

Criar como mandar, isto é, dar direção, dar quefazer à vida; mandar como obedecer, obedecer como ouvir e seguir e, daí, criação como humildade, doçura e gratidão — isso é, sim, para quem ouve passos de pombo e para quem já *superou*, já *perdeu*, já *esqueceu* o seu impetuoso, o seu titanismo juvenil. Pois, criar é *coisa de criança*. Criar, criança —

³⁴ Cf. Nietzsche, F., *A hora mais silenciosa*, em *Assim Falava Zaratustra*, II.

dizem o mesmo. Mas, atenção!, criar, em sendo *coisa* de criança, é coisa de homem adulto, maduro, que se fez, que pôde fazer-se ou tornar-se criança. Uma difícil, muito difícil conquista: “Maturidade, *madureza* do homem: significa ter reencontrado a seriedade, a gravidade (*den Ernst*), que se tinha quando criança ao brincar, no jogo — “beim Spiel”³⁵. Veja-se Klee, lembremos seus *jogos infantis*³⁶ — destruições, agressões, esfacelamentos, despedaçamentos. Para além do bem e do mal. Pura inocência — séria, grave inocência. E assim, a partir daí, começa a acontecer criação.

Em *A Gaia Ciência*, livro V, nr. 370, sob o título “Que é romantismo?”, Nietzsche fala de uma vida, de uma *vontade*, que, desde miséria e revolta, tudo nivela, tudo achata, igualando tudo a ela mesma, “imprimindo às coisas sua própria imagem, a imagem de sua tortura, de seu ódio, de sua vingança”. E, por outro lado, ele fala de uma vontade, de uma vida, que se faz desde “gratidão e amor”, que é “gratidão e amor” e que ele denomina “vontade dionisiaca”. É esta ação, esta atividade desta vida, desta vontade que é gratidão, que caracteriza a criação, a qual se faz desde mando e obediência, onde tanto um como outra são regidas maiormente por obediência, quer dizer, por escuta. Ou seja, desde e como participação vital, a qual promove vida, a qual está a serviço da vida ascendente, que é outro nome para criação, para vida criadora, se se quer optar pelo pleonasma. Aqui cabe observar que criação, neste sentido de ser ou se fazer desde gratidão e amor, tem a força, o poder de fazer com que o outro, na sua alteridade, apareça, venha a ser. Tem a força, o poder, não *podendo*, não *querendo* (!), *podendo não querer e não poder* e, assim, deixando outro vir a ser outro. Isso é o contrário de qualquer *espelismo* ou *expressão* em criação. Isso, este não poder e não querer, este *poder não poder e não querer* é o próprio de criança — é o que criança pode e o leão não pode³⁷. É assim que um Balzac, p.ex., se relaciona com seus personagens — *deixando* o personagem vir a ser o personagem que é. É assim igualmente que um ator se relaciona com seu personagem — *deixando-o* vir a ser o que é e, ele mesmo, *desaparecendo*. Um belíssimo testemunho desta experiência de criação e de realidade, de realização de realidade e, então, de verdade se fazendo verdade, encontramos ainda em *Genealogia da Moral*, III, nr. 4, quando Nietzsche diz: “Um Homero não teria poetado nenhum Aquiles, um Goethe não teria poetado nenhum Fausto, se Homero já fosse um Aquiles, se Goethe já fosse um Fausto.” Nenhum *espelismo*, nenhuma *expressão* de nenhum *dentro*, de nenhum *interior*. Tal como, de novo, diz e testemunha Klee, o artista, o criador é, faz-se *passagem*.

E o critério, a medida para esta distinção entre a vontade, a vida, que tudo nivela, achata e iguala a ela própria (ódio, vingança, *l’homme révolté*) e a vontade, a vida que se faz desde gratidão e amor e, assim deixa diferença ser — enfim, o critério ou a medida para tal distinção e evidência vem da seguinte pergunta, que se põe, e do *discernimento* em relação à sua compreensão, isto é, do modo como ela é respondida: “[Aqui] foi a fome ou a fartura que se tornou o criador?”³⁸ Explicitando, *traduzindo*, a pergunta, ela diz: “Na criação, no ato criador, *como* você, criador, vive, experimenta a vida, a existência que, no seu âmago, na sua textura mais própria, é dor, quer dizer, esforço, ação, atividade? Você, criador, como a

³⁵ Cf. Nietzsche, F. *Além do bem e do mal*, Cap. 4, *Máximas e interlúdios*, nr. 94

³⁶ Cf. Klee, P., *Die Ordnung der Dinge*, Verlag Gerd Hatje Stuttgart, 1975, p. 102 a 109, principalmente.

³⁷ Cf. Nietzsche, F., *Das três transformações do espírito*, em *Assim Falava Zaratustra*, I.

³⁸ Cf. Nietzsche, F. *Gaia Ciência*, V, nr. 370. Ainda KGW VIII-1, 2[114], p.116/17 e *Vontade de Poder*, op. Cit. nr.845 e 846, p.420/21

experimenta, a *sente*, como fome (falta, carência, privação) ou fartura (suficiência, satisfação e, então, alegria na, da criação)?” Expliquemos isso.

Vida é dor?! Que dor é essa? Ouçamos o Zaratustra: “Quanto mais fundo o homem olha para dentro da vida, tanto mais fundo ele olha também para dentro da dor... O próprio ver é ver abismo? Homem-dor é a mais profunda dor”³⁹. Viver é ser na dimensão, no modo de ser *ver* — isto é, aparecer. E ver a vida, ver o ver, ou seja, ver *dentro* da vida, é ver abismo, o abissal, que é o fundo do próprio ver (aparecer). Ver, no sentido mais radical, é ver abismo, pois é ver o fundo da vida e, nas coisas, ver o fundo de todas as coisas, que é a vida — e este fundo é sem fundo, isto é, *abissal* — quer dizer, subitamente irrompido, saltado ab-ruptamente. Então, abissal, sem fundo, está dizendo: sem fundamento, sem razão de ser, sem causa, sem *autor* ou *sujeito*, sem sentido último e além da própria vida, da própria existência. Dito afirmativa ou positivamente: vida gratuita, dor *de graça*. Ver abismo é a evidência do sem fundo como o irrevogável do *fundo*; o sem fundo, o *abyss* como a *necessidade* do fundamento ou da *razão* — ou seja, o sem razão da razão, a insuficiência do princípio de razão suficiente. E o nome, o real nome desta irrupção abissal é: *dor* — a dor que é ser *pouco*, ser *um precisar fazer*, enfim, ser limite ou finitude. Por isso, olhar *dentro* da vida, olhar a vida na sua constituição mais própria, é olhar *dentro* da dor. E o *dentro* da dor é o nenhum *dentro* — e nem *fora*, pois o salto, o súbito põe *círculo*, *inserção*, sem dentro e/ou fora — , mas só o abissal, o sem fundo, o gratuito, a doação, a dádiva. Sim, o *milagre*, à medida que milagre seja o que se dá e acontece ainda que sem nenhuma razão ou direito para dar-se ou acontecer. E isso, este acontecimento é dor, ainda porque no mesmo ato e como o mesmo ato ou acontecimento irrompe a necessidade da ação, da atividade, do esforço. O homem, a vida humana, é *pouca*, é necessidade de *se fazer*, é algo que não é algo nenhum, mas um modo de ser que, para ser, precisa fazer. Fazer ser. Fazer vida. O outro nome disso, sim, é *limite*, *finitude*, quer dizer, ser no sentido do fim ou da morte⁴⁰. Fazer ser, fazer vida — um rendado à Penélope?! Não. Não tem espera, não tem esperança — não se espera por ninguém, por nada. Não há chegada de ninguém, de nada e nem tampouco a nenhum lugar. É de graça. É ação inútil, sem fundo, sem sentido ou sem razão, sem porquê e sem para quê, porém absolutamente necessária, pois não pode não ser. Sem esperança, sem *precisar ser/ter* esperança. Necessária e inútil. Isso é o homem, a vida humana e, por isso, *homem-dor* (“Menschen-Schmerz”), isto é, a dor que é o homem, o homem que é a dor, e que é a mais profunda dor, ou seja, a mais ou a verdadeiramente fundamental e sem nenhum fundo, fundamento, a só abissal, a mais sem sentido e sem razão e, no entanto, necessária, a só necessária. É, dá-se, faz-se, está aí, acontece, há. E cabe, só cabe cumprir. Cabe, pois, *fazer dor*, *fazer dor fazer*, ou seja, agir, atuar, fazer, que será sempre ação transformadora, transfiguradora de dor. Nisso e por isso alegria. Um riso que é sempre risosolução. A alegria da obra, como dor transfigurada — e por isso, na ação e como ação, dor perdida e esquecida como dor. Por isso, nenhum lamento, nenhuma amargura, azedume ou choramingação, mas — *alegria*. É isso a *fartura*.

Fartura é alegria. Fartura, que é alegria, aqui, é a *suficiência* e a *satisfação no pouco* — o pouco, o pobre, o *finito*, que é a vida. Ou seja, a necessidade de ser um *por fazer*, um *fazer*, um *quefazer*. Este pouco é alegre, é satisfeito, isto é, é farto porque ele (ou seja, esta vida, a vida) é tudo que *pode ser* — só o finito poder ser, pois só o finito é — por isso, o

³⁹ Cf. Nietzsche, F., *Da visão e do enigma*, 1, em *Assim Falava Zaratustra*, III

⁴⁰ Cf. a respeito, *Da morte livre*, em *Assim Falava Zaratustra*, I.

absoluto. É o modo de ser por cumprir, por fazer. Trata-se da suficiência e da satisfação, da alegria e da fartura *no e do* possível necessário, a saber, a vida finita-pouca saltada, irrompida. É a alegria da ação que se faz transfiguração da dor. É isso a ação, que é obra, isto é, *perfeição e cumulação de vida*.

E o que seria fome, miséria? Seria o lamento, a amargura, o azedume, o desencanto e a *infelicidade* frente ao pouco, ao finito (que, então, já parece como falta, privação), e já querer o *in-finito* (o i-limitado), ou seja, a recusa e a negação do finito, a *revolta*, como a reivindicação do que *deve*, do que *deveria* e mesmo do que *precisava* ser. E desde onde este *deve*, este *deveria*? Como e desde onde revolta contra o i-mediato do finito (o salto, o irromper de vida e o pôr-se e impor-se de ser como precisar fazer) e a *evidente e automática* postulação e positivação do in-finito como dever ser e medida? Enfim, desde onde, como a *culpa e a má consciência* como medida da ação, isto é, como medida do viver ou do existir e, então, como medida de criação que, desse modo, será sempre *aquém*, sempre *menos* do que deve, do que *deveria ser*? “No começo de tudo há, havia um erro”... Foi por uma insensatez, por uma estultícia, que entrou a revolta, o espírito de vingança. E será por uma insensatez, por uma estultícia, que ele sairá, que ele ou ela será superado(a)⁴¹. Salto é sempre insensatez, sempre estultícia. Por, através de salto *entrou a revolta*; por, através de salto ela será superada, entrará *o modo de ser criança*.

A fome, a miséria, estaria em, como e desde a ação, a atividade culpada (revoltada, amarga), querer *muito*, querer *demais*, à medida que passa a querer o que *não pode*, a saber, o infinito. A fome, a miséria, estaria em, desde tal ação ou tal modo de ser, querer *reparar, corrigir, substituir e assim redimir* uma falha, um erro. A falha, o erro, que é, que seria a própria vida à medida que se mostra como pouca e finita. Pouca e finita, isto é, segundo tal *sentimento* ou perspectiva, *menos do que devia ser*. É isso a vigência de culpa, de má consciência, como medida da ação. Culpa, má consciência, amargura, azedume, amuo. Enfim, *ingratidão* frente à dádiva de salto, de irrupção. O salto, a irrupção que, em saltando e pondo e impondo finito, a dor, põe, ao mesmo tempo ou no mesmo ato, *tudo* que o homem, que a vida precisa para ser homem, para ser vida, a saber, *a liberdade para* a ação, *para* a atividade. É isso o dom de dor, o presente da vida pouca, da vida finita — a vida-dor, o homem-dor, “*der Mensch-Schmerz*”. A dor abissal. Toda dor é abissal — sem fundo, sem razão, sem sentido. *Por isso*, no olhar de Dostoievski, a dor na, da criança, é absolutamente desconcertante, paradoxal — *absurda*. É a dor mais dor.

Qual foi, qual é, aqui, agora, a medida da ação: fome ou fartura? Isto é, como é sentida, experimentada vida? Desde amuo, amargura, revolta (culpa, *ingratidão*) ou satisfação, alegria, suficiência no pouco, pelo pouco, por ser o só possível e, então, o necessário? Sim, o *absoluto*, no sentido do nada além ou alguém a que referir-se, a que comparar ou reivindicar. Desde culpa ou desde inocência? Desde revolta e ódio ou desde amor, gratidão, bênção? Aqui, o *ou...ou*, a disjunção, é irrevogável, irreconciliável. É agir, fazer, criar, querendo, visando, almejando *o* ou *um* fim fora, pré-fixado e além (a *meta*, o *supra*, o *alvo*) e aí e assim buscando salvação ou *redenção*, *ou* fazer, agir, criar sendo só a alegria da transformação, da transfiguração da dor, da dor que *é* a vida, em ação, em obra gratuita, inútil, por nada e para nada, sem nenhum propósito, sem nenhuma intenção ou fim, finalidade? Quer dizer, uma ação, uma atividade sem nenhum sentido ou fim *fora, além*

⁴¹ A este respeito, ver *Assim falava Zaratustra*, II, *Da Redenção*.

da própria ação, da própria atividade. Para este modo de ser, para este *sentimento ou experiência*, a colocação de qualquer fim, de qualquer propósito ou intenção *fora ou além* da própria ação, da própria atividade seria *azedar o caldo*, “estragamos para nós *a inocência do devir*” — “Verderben wir uns *die Unschuld des Werdens*”⁴².

Enfim, por fim, afinal: qual a medida, qual o *tom*, o *teor*, a *têmpera*? Fome ou fartura? Ódio ou amor? Culpa ou inocência? Amuo, amargura, revolta, ingratidão *ou* suficiência, satisfação, alegria e gratidão no pouco, pelo pouco, que, evidencia-se, é tudo, o *absoluto*, pois o só necessário, o só possível? Todo criador abençoa. Agradece. E todo aquele que cria e que agradece tem o olhar *baixo, manso*... “Tudo o que ele (o artista) faz é recolher e encaminhar aquilo que vem das profundezas da Terra. Não servir, nem dominar: apenas inter-mediary — deixar ser. Ele, o artista, assume uma posição realmente *humilde*. *E a obra não lhe pertence, apenas passa através dele*”. Isso é o que testemunha Klee, em sua “Confissão Criadora”⁴³. Rodin, outro *titã*, confessa também: “Em tudo eu *obedeço* à natureza. Minha única ambição é *lhe ser fielmente servil*”⁴⁴. Este testemunho, esta confissão, encontramos ainda em Bach, van Gogh, Cézanne, Vila Lobos, Fídias, Miguel Ângelo, etc., etc..

10. Na arte — no artista, pois só no artista realiza-se a arte, só no artista há arte — , por excelência, acontece a estrutura de vida, que é mando e obediência. Em realizando esta estrutura, desde ouvir e seguir, dá-se, faz-se criação. A dimensão, o modo de ser arte, é onde e como criação acontece exemplarmente. Enquanto e como arte, enquanto e como criação, tem-se a exemplaridade do real se realizando e, assim, de verdade se fazendo verdade — enquanto e como criação e não como correspondência ou adequação a algum estado de fato, seja objetivo, seja subjetivo.

A fala de arte ou desde arte como exemplaridade de realização de realidade, de gênese, de modo geral, e de verdade, isto é, igualmente de gênese, não deve caracterizar nenhum *esteticismo*. Isso quer dizer: não se deve ser tomado pela veleidade, segundo a qual é preciso ser *artista* (ou *arte*), com todas as afetações e futilidades que isso costuma trazer consigo, para ser *real, verdadeiro*. Ou algo do tipo: só a arte, só o artista é capaz de experimentar e de ver a *autêntica*, a *real* realidade. Só ela ou ele é capaz de experimentar e ver a *real*, a *autêntica*, a *verdadeira* verdade. Isso, claro, é, seria afetação, futilidade e isso, sim, seria esteticismo. O apelo à arte, e ao artista, para evidenciar a amarração de realidade, verdade e criação, é um recurso para mostrar exemplar ou arquetipicamente a forma, a dimensão criação, uma vez que arte é vista como e onde criação se dá, se faz exemplarmente. É isso. Só isso.

Criar é pro-mover vida, é pro-criar. E assim vida, realidade se realizando, vem à luz, se mostra, se faz visível, em se realizando. E esta promoção ou procriação para se fazer, via

⁴² Cf. Nietzsche, F., KGW VIII-2, 9[91], p. 50 ou *A Vontade de Poder*, op. Cit., nr. 552, p. 289.

⁴³ Cf. Klee, P., *Sobre a arte moderna e outros ensaios*, Zahar, Rio, 2001, p. 53, trad. Pedro Sussekind.

⁴⁴ Cf. Rodin, A., *A arte – Conversas com Paul Gsell*, Nova Froneira, Rio, 1990, p. 21, trad. Anna O. de B. Barreto.

escuta, obediência e *seguimento*, entra de tal modo em sintonia e em sincronia (=participação) com vida, com *força*, que, desse modo, leva a vida até o ponto em que ela, por si mesma e desde si mesma, se levaria se, só por si mesma e só desde si mesma, pudesse se levar. Criação, desde e como esta participação, *graças* a esta participação, é uma *ajuda*, uma *ajudinha*, um *empurrãozinho* na *natureza*, na *realidade*. Já disseram (G. Rosa) que arte, que autêntica poética, *repete* e então *ajuda* Deus. Assim arte, tal como a *téchne* grega, completa, *pleni-fica*, cumula e *aperfeiçoa* (à medida que co-faz) a natureza, melhor, a vida, pois aqui natureza (*physis*, *natura*, *nascividade*) é outro nome para dizer vida. É assim e por isso que Nietzsche, em algum lugar, no *Ecce Homo*, se denomina “o primeiro filósofo *naturalista*”.

Criando, promovendo vida, ou seja, procriando enquanto e como promoção de uma força ou de uma possibilidade de vida, e assim fazendo com que, num sentido arcaico-originário verdade se faça verdade — enfim, criando e vendo sempre já desde a experiência da criação e da arte, Nietzsche dirá que “a verdade é asquerosa, repugnante (*hässlich*)”⁴⁵ e, então, por isso, “a arte tem, é mais valor que a verdade”⁴⁶.

A verdade é asquerosa, repugnante, à medida que é entendida como correspondência ou adequação a alguma coisa dada, feita e pronta, isto é, a algum estado de fato, algo pré-estabelecido ou pré-fixado, seja objetiva, seja subjetivamente. O asco, a repugnância está, estaria justamente nesta cristalização, nesta sedimentação (a substancialização), que leva à morte por estagnação, na estagnação — inércia. O repulsivo, o repugnante é esta estagnação, inércia. Pois aqui, no caso, não é morte como festa trágica, como alegria dionisiaca, tal como celebrada na arte, na criação — sempre como auto-superação. Ao contrário, aqui, no caso, é promoção, sim, mas de *preguiça*, de letargia, de inércia — de ódio, de *vingança*.

Daí que arte, criação, por outro lado, enquanto a própria dinâmica de realização de realidade, de *exposição* e de concretização de vida, tenha, seja “mais valor” que a verdade, isto é, que a pretendida e presumida correspondência ou adequação, ao comum e tradicionalmente falar-se de verdade. “Vale mais”, isto é, *pesa* mais; é mais *grave*, mais *intensa*. Neste sentido: mais *forte*. A arte “vale mais” até e sobretudo porque, tomada nela mesma, ela é o valor, quer dizer, a *força*, no sentido de a própria vida se fazendo vida. Gênese. Assim, a arte é *toda* força (=valor), *só* força, *exemplarmente* força se fazendo força — *re-fortando-se*, revitalizando-se, revigorando-se. De novo: criação, geração, gênese. A arte, assim, é a vida da vida e, desse modo, originária ou arcaicamente, verdade enquanto e como a própria auto-exposição de realidade em sua realização. Gênese, gênese de gênese, procriação e, então, insistente vir à luz, mostrar-se, revelar-se, expor-se ou descobrir-se como tal. E é isso que fala *alétheia*.

⁴⁵ Cf. Nietzsche, F., KGW, VIII-3, 16[40], p.246; *A Vontade de Poder*, op.cit., nr. 822, p. 411

⁴⁶ Cf. Nietzsche, F., KGW, VIII-3, 17[3], p. 320; *A Vontade de Poder*, op. Cit., nr. 853, p. 427

E aqui ganha espessura, intensidade, esta outra palavra de Nietzsche: “*Vontade de verdade* — como impotência da vontade de criar”⁴⁷. Vontade de verdade é a tendência, antes, o ímpeto ou o impulso de ou para controle, de ou para auto-asseguramento, e isso à medida que verdade é entendida como correspondência ou adequação. A correspondência, a adequação, é a dominação e o triunfo da *vontade de verdade*. Tal vontade de verdade, de fato, é vontade de *entificação*, de *coisificação* — “uma *conversão* ou transformação em ente” (“eine Umdeutung ins Seiende”)⁴⁸ — e aí e assim o controle, a segurança, o auto-asseguramento — nisso e assim a correspondência, a adequação. E, na vigência da vontade de verdade, quer-se *coisa*, *coisificação* ou *entificação*, que é fraqueza e inércia ou fraqueza *porque* inércia, quando se é impotente — impotente para criar. Inapetente. Impotência, aqui, é inapetência. A inapetência, a inaptidão para lançar-se na criação, para entregar-se à escuta, à obediência à força, à *própria coisa*, à gênese. Inapetência para a promoção de vida — falta de apetite, de gana, de *dentes*. Por que promoção? Para que promoção? Por nada, *em razão* de nada, *graças* a nada. Para nada. Vida, criação — isso é a pura gratuidade, a pura inutilidade. É só a alegria de ser, de fazer vir a ser o que *pode* ser e, então, o que *precisa* ser, vir a ser — aparecer, mostrar-se, tornar-se visível. Isso é fartura, superabundância. Dom. Dádiva. Bênção e alegria. Vida e verdade são inúteis. Inúteis e necessárias.

Por fim, cabe, sim, dizer: “Temos a arte — assim não sucumbimos na verdade”⁴⁹ — na inércia, na “nostalgia da lama”...

11. Em *alétheia*, no desvelamento, há sempre um momento constitutivo da própria *alétheia*, que é a retração, o retraimento, isto é, o velamento — à *physis*, à *verdade*, acontece sempre se retrair, se velar⁵⁰. Um momento constitutivo, quer dizer, faz parte do mesmo gesto, do *mesmo ato* de des-velamento o velamento, a retração ou o recuo. Ou seja, ainda: des-velamento-velamento constituem um único e mesmo gesto, um único e mesmo ato, um único e mesmo acontecimento. Trata-se do retraimento, do velamento ou da ocultação da força (do sentido, do *lógos*, do *mundo*) reveladora, antes, da essência, da gênese *revelante*, *mostrante*. Este ato ou acontecimento velamento-desvelamento é a dimensão desconcertante, paradoxal — sim, *trágica* da vida, da existência humana, quer dizer, do modo de ser homem.

Vivendo, existindo na dimensão do *ver*, do *aparecer*, o homem igualmente é, existe ou vive na dimensão do *des-ver*, do *des-aparecer*, ou seja, do ocultar-se, do retrair-se em ausência. Na dimensão do trágico, é isso e assim a co-pertinência ou a co-originariedade vida-morte, própria do homem, própria do *ente* que vive ou existe e que faz dele, por excelência, o *ente*, melhor, o modo de ser que morre. Porque vive (= *vê*) e somente porque

⁴⁷ Cf. Nietzsche, F., KGW, VIII-2, 9[60], p. 29; *A Vontade de Poder*, op. Cit., nr.589-A, p. 402

⁴⁸ Cf. Nietzsche, F., KGW, VIII-2, 9[91], p. 48; *A Vontade de Poder*, op. Cit. nr. 552, p. 288

⁴⁹ Cf. Nietzsche, F., KGW, VIII-3, 16[40], p. 296; *A Vontade de Poder*, op. Cit., nr. 822, p. 411.

⁵⁰ Cf. Heráclito, frag. 123, Diels.

vive (=vê), o homem é, antes de tudo, um morto-vivo. Daí a lágrima no olho do herói... Daí a fraqueza, a fragilidade no ápice de toda força, de todo forte... Aquiescida ou recusada?... Fartura ou fome?...

Desconcertante, paradoxal à medida que se mostra, que se evidencia como necessário e inexorável que a força possibilitadora, toda e qualquer em todo e qualquer ato ou realização, a essência ou gênese, como dito, se retrai e se oculta sempre, *justamente no ato em que se dá, no modo como se dá e justamente porque se dá*. Jamais se tem a força, a *pura* força, mas sempre *só isso* em quê e como quê a força aparece, se concretiza. O *isso*, a *coisa*, i.é., a concretização ou a realização na e como singularização, é o único lugar, a única instância ou o único modo possível de força ser, aparecer — e justo nisso e por isso ela se retrai, se oculta, se dissimula. O estilo, a forma de um autor, p.ex., nunca se dá em si, como pura forma ou puro estilo, mas sempre no texto, no escrito, na personagem, se for o caso, e, então, sempre já ausente, dissimulada (a forma) justamente no texto, na escrita, na personagem e *por causa* do texto, da escrita, da personagem. Por isso, na arte, forma ou estilo e *conteúdo* é uma única e mesma coisa, um único e mesmo ato ou acontecimento. O texto, p.ex., a personagem, é o único modo possível da forma, do estilo aparecer, se revelar e, no entanto, aí e assim ele ou ela se retrai, se *dissimula*. À Dulcinéia, talvez à Capitu, à verdade, pois Dulcinéia, Capitu — a mulher é a verdade... Há que ter olhos para, no mesmo ato ou acontecimento, co-ver e celebrar ou festejar neste co-ver presença e ausência, desvelamento e velamento. Quem tem olhos de ver ou ouvidos de ouvir, este vê e ouve, no mesmo ato, na mesma linha ou limiar presença e ausência, presença-ausência, e por isso e só por isso ou graças a isso realmente vê. Este realmente *é* na verdade, no destino da verdade, na história da verdade (do ser). Sem esta tensão não *vê*, não *ouve*. “Acordado, está dormindo”, diz Heráclito. A vida, a pura vida, o puro viver — isso ou este não há, não se dá, não *pode* haver ou dar-se. O que há, o que sempre se dá ou acontece, sempre já se deu ou aconteceu, é o vivente. Daí que “Navegar é preciso, viver não é preciso”, na boca de Pompeu, segundo Plutarco⁵¹. Esta frase, este dito, tem algo mais que só apologia de marinheiro. Há que navegar — que guerrear, que capinar, que pintar, que escrever, que... e, então, só então, vida acontece, se dá, faz-se. Fazer é preciso... *Anánke*.

12. É assim, isto é, neste e desde este retraimento próprio, que acontece mistério. Mais precisamente: este modo de ser perfaz mistério — *é* mistério. E, importante, mistério não é *coisa* para ser desvelada — esclarecida, resolvida, decifrada. Não. Isso é *coisa* de enigma. E mistério também não é *coisa* profunda, de insondável fundura. O verdadeiro, o autêntico mistério é *coisa*, quer dizer, *dimensão* superficial, *experiência* rasa. Ele é, ele constitui a linha, o limiar da superfície, da pele, que é o real, todo e qualquer real. Este limiar, esta

⁵¹ “Navigare necesse est, vivere non est necesse”, “plein anánke, zen ouk anánke” - isso já teria sido lema dos argonautas, dos navegantes milesianos, criou fama na Idade Média, depois virou portal de casa de marinheiro, inscrição da Escola de Sagres, etc, etc. Cf. Plutarco, *Vidas Paralelas, Vida de Agesilao y Pompeio*, cap. L, em *Biografos Griegos*, Aguilar, Madrid, 1973, pág. 686.

superfície ou pele é a linha de consanguinidade do profundo e do raso, do fundamento e do fundado, da força e do real, da essência e do *essenciado* — enfim, de ser e ente, como se diz na escola. Este limiar, esta linha de consanguinidade, que perfaz superfície — aí, só aí e só assim acontece verdade, dá-se verdade, enquanto e como *alétheia*. Este modo de ser, esta consanguinidade foi vista e celebrada pelos gregos, que sempre foram incisivos: ser é aparecer, ser-aparecer. Foi igualmente vendo isso e assim, partilhando ou compartilhando esta *visão*, que Nietzsche, com humor e malícia, ironizou, *gozou* os homens, os tipos (talvez helenistas da época e também de hoje!) devotos do profundo e do insondável, quando disse: “Estes gregos eram superficiais, muito superficiais — *por profundezza* (“*aus Tiefe*”)”⁵².

O mistério precisa ser guardado, resguardado como tal, quer dizer, *como* mistério, *como* linha de consanguinidade do profundo e do raso na superfície, como superfície. Assim se vê sombra, se vê ausência — *como* sombra, *como* ausência. Assim se guarda ausência *como* ausência; celebra-se a presença da ausência *enquanto e como* ausência, sem querer, sem poder e, sobretudo, sem *precisar* iluminar ausência como se fosse, como se *devesse* ser presença, como se precisasse tornar-se presença para fazer-se visível. Para ver a sombra eu não posso iluminá-la. Só a vejo não vendo — e consentindo, assentindo neste não-ver. Celebra-se e consente-se o escuro, a sombra, como escuro, como sombra, sem querer, sem poder, sem precisar querer ou poder o que quer que seja. Inocência, jovialidade no não-ver, no não-saber. Aquiescimento à ausência que, assim, *como* ausência, se faz presença — presença da ausência, presença-ausência; aquiesce-se ao escuro que, assim *como* escuro, se *ilumina*. O escuro *como* escuro se ilumina, quer dizer: ser, permanecer escuro e como tal mostrar-se. Puro não saber, pura estultícia — sem remorso, sem revolta, sem culpa. Culpa?! Não, estultícia, sandice. E riso, riso estulto, mentecapto. Aquele grãozinho de sandice que a autópsia descobriu no cérebro do Quincas Borba — ali foi detectada a *essência* da vida, foi *descoberta* sua verdade. Evoé!

Na experiência de verdade como *alétheia*, o decisivo, o essencial não está no mero retraimento, na pura e simples ocultação, na ausência pela ausência. Em tal experiência o decisivo é o retraimento, a ocultação ou o velamento que, *enquanto e como* retraimento, ocultação ou velamento, *mostra, revela*, isto é, *desvela*. E mostra, revela ou desvela *justamente porque* oculta, *porque* vela — *graças* (i.é, por obra e graça de!) ao ocultamento, ao velamento. O recuo, o retraimento não é negativo, não é falta, não é deficiência, não é *privação*, mas *fatura*. É isso propriamente a essência, quer dizer, a gênese ou o insistente auto-revigoramento do mistério como *lugar e hora* do homem, da vida.

Portanto, *ver* no próprio ato de *desver*. Nisso e assim a fala de Heidegger de *desverdade* (!), de *in-desvelamento* (“Un-entborgenheit”) como copertencendo e cofazendo a essência da verdade (“Wahrheit”), de *alétheia*⁵³. Portanto, revelar ou desvelar *no próprio ato*

⁵² Cf. Nietzsche, F., *A Gaia Ciência*, Prefácio à segunda edição, nr. 4

⁵³ Cf. Heidegger, M., *Vom Wesen der Wahrheit*, nr. 6, em *Wegmarken*, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1967, p. 89; ou *Sobre a essência da verdade*, nr. 6, em *Os Pensadores*, vol. XLV, Abril Cultural, São Paulo, 1973, pág. 339.

de velar e graças justamente ao velar. Isso, ver-se-á adiante, acontece, dá-se no fenômeno do pudor, que será outro nome para *alétheia*. Se isso, se tal mostrar e ver justo no velar e graças ao velar ou ocultar, acontece, se a isso é assentido — então, não há mais nenhuma cobiça, nenhuma sanha (a “hybris”) à busca da descoberta infinita, não há mais sanha ou cobiça de luz. Perde-se a devoção pelo *progresso do Espírito*. Perde-se, desfaz-se, *esquece-se o faustianismo*. Perde-se, desfaz-se, *esquece-se* a sanha, a cobiça à busca da verdade, o furor da *vontade de verdade*, isto é, esvanece-se o impetuosismo da *pesquisa*, a *sofreguidão do correr atrás*, do cercar, do encurralar, do não deixar escapar e, assim, controlar, assegurar-se, *auto-assegurar-se* [tudo isso faz parte da *pesquisa*, do *tratado* (“tractare”) e da *vingança*, quando ela fala, em alemão e segundo seu étimo, “Rache”]. Enfim, na linguagem de Nietzsche: *é superado o espírito de vingança*. Heidegger, pensando o mesmo fenômeno, considera: dá-se, acontece uma “transformação de essência”, à medida que dá-se, que acontece a passagem, a virada do “animal rational” (=homem) para “Da-sein”, vida, *presença*⁵⁴. E Dostoiévski, igualmente vendo o mesmo fenômeno e igualmente desde a mesma experiência, vai comentar a *virada*, a *transformação* de Raskolnikov, em *Crime e Castigo*, dizendo, quando o personagem, como que varado, atravessado pela Terra, rui, *desaba*: “em lugar da dialética, entrou a vida”⁵⁵.

Mostrar, ver, revelar e iluminar-se no próprio ato de velar e graças justamente a este velar — o nome deste fenômeno é: *pudor*. Pudor?! Isso, de novo, não é moralismo?! Pieguice?! Não. Não é falso pudor, não é *pseudo-pudicitia*. Nada de vergonha de culpa e de má consciência. Se se quer, talvez, para não ferir certas idiossincrasias, ao invés de pudor possa-se dizer *recato*. Pudor⁵⁶, recato, passa a ser só o nome da guarda e do resguardo do mistério, isto é, guarda e resguardo da situação, da condição humana de viver, de existir, de ser desde e como salto, irrupção, doação — de nada, para nada. O jogado — o *jagunço* existencial, “sem pai, sem mãe, sem pertencenças”. Isso e nisso o sagrado. Por outro lado, vontade de verdade, pesquisa, progresso do Espírito — isso é sem pudor. Lascívia. A busca infinita do fundo, o infinito profundo — isso é interminavelmente, insaciavelmente, infinitamente cavar, escavar, *fodere ... Concupiscência dos olhos*, o *curiosismo* ou a cobiça do olhar, travestida de ciência, de saber, disse Santo Agostinho⁵⁷.

Pudor, recato, enquanto tal guarda, enquanto tal resguardo, é o *sereno* assentamento, e assim assentimento ou *quiescência*, no (ao) acontecimento do viver, do

⁵⁴ Cf. Heidegger, M., *Beiträge zur Philosophie*, Gesamtausgabe, Vittorio Klostermann, Frankfurt, band. 65, p. 3.

⁵⁵ Cf. Dostoiévski, F., *Crime e Castigo*, Epílogo.

⁵⁶ Este sutil fenômeno se manifesta, com muita frequência, para o leitor atento de *Assim Falava Zaratustra*. O mesmo fenômeno se dá, a toda hora, com personagens de Dostoiévski, p.ex., Sonia, em *Crime e Castigo*, e Miskin, em *O Idiota*, para citar os dois maiores. Mas também em personagens de Nelson Rodrigues (!), p.ex., a Arlete, frequentadora de suas crônicas e confissões, junto com o Palhares, a mesma que, todos sabiam, exercia “a mais antiga profissão do mundo”, que, pasme-se!, já tinha lido muitas vezes a *História da Filosofia*, de Will Durant, e que ainda nutria uma estranha *queda* pelo Spinoza...! Mas, enfim, esta Arlete também era, é pudica, recatada...

⁵⁷ Cf. Sto. Agostinho, *Confissões*, livro X, cap. 35, Vozes, Petrópolis, 1988, pág. 254/55.

(ao) existir. É, sim, o modo como é exercida a gratidão e a superação da fúria e do furor do “bípede ingrato”, do “l’homme révolté”. Assim, pudor, recato, é só e tão só outro nome para dizer *alétheia*. Em algum lugar, Heidegger fala isso, mostra isso. Pudor, recato, aqui, está falando de “Aidós”, a ou uma divindade grega, que Walter Otto⁵⁸ denomina “die heilige Scham” — “o pudor sagrado”. Nietzsche teceu graves considerações sobre este fenômeno da vida, da existência grega⁵⁹. Na criação, que marca a essência da vida ou a própria vida da vida — na criação, pois, o criador se faz este guardador e resguardador do mistério, da verdade (*alétheia*) à medida que, movido por obediência, escuta e gratidão, ele vive, ele é sob a égide de pudor, de recato. Pudor, recato, é típico, é próprio de gratidão, de

⁵⁸ Cf. Otto, W., *Theophanie* — der Geist der altgriechischen Religion, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1975, p. 66 a 68. Aí é descrito e caracterizado *aidós* como “doçura de coração e de espírito”, “respeito e veneração nobres”, “contenção casta, recatada”, *aidós* como tendo e sendo “um olhar sereno e reverente”.

⁵⁹ Cf. Nietzsche, F., KGW VII-1, 7[161], p. 303. As considerações de Nietzsche, nesta passagem, de modo geral, vão muito na direção das formulações e da compreensão de W. Otto, acima referida, acentuando o lado de contenção, de reverência e respeito nobres, de distância desde e como “Ehrfurcht”, que é uma espécie de *temor nobre frente ao grande e nobre*. Algo que marca também a experiência do sagrado (lembrar, aqui, Rudolf Otto, em “Das Heilige”, “O Sagrado”). Mas este tema do *pudor*, de “Scham”, é enorme, em Nietzsche, para tratar, considerar o tema da superação do homem e/ou da metafísica. Aqui, agora, não é lugar e hora para um tal desdobramento e consideração. Fica, à guisa de menção, primeiro, o recuo, a retração (pudor é recuo, é retração, à medida que é contenção) que Nietzsche marca com o “Schamröte Platos”, isto é, “o rubor de vergonha de Platão”, no passo de cumulação e de superação do homem (=filosofia, metafísica, animal racional) e de passagem (“Brücke”, “Übergang”) para o “Übermensch”, o “super-, o supra-homem”, isto é, o além da determinação metafísica, greco-cristã, do homem. Esta passagem, esta *virada*, se faz desde e como um gesto de vergonha, de pudor, de “Scham”, o “Schamröte Platos”, o qual *devolve* ao homem a sua humanidade, à medida que o homem, assim, através deste *gesto ou humor, afeto*, reconquista a sua humanidade, a sua *inocência* no/do devir, isto é, viver, existir. Aqui, ter-se-ia de considerar uma ambiguidade, a saber, tanto o gesto de vergonha que vem desde má consciência e culpa (Platão, metafísica), como também o ato de retomada de inocência, de *criança*.

O “passo atrás” que Heidegger propõe no diálogo com Hegel (i.é, com a história da metafísica, com a história do *progresso do Espírito*, com a *filo-sofia*) é gesto de pudor, de “Scham”, pois é recuo que é proteção, guarda e resguardo do mistério. Este “passo atrás” é o pensamento do declínio, do *Untergang*, de Heidegger (Cf. Heidegger, M., *Identität und Differenz*, G. Neske, Stuttgart, 1976 ou *Os Pensadores*, Abril Cultural, vol. XLV, São Paulo, 1973, pág. 377 a 400).

Mas cabe ainda destacar que *pudor*, “Scham”, é o *afeto* condizente com dor, isto é, o afeto *adequado* ou *oportuno* para se relacionar, condignamente, com dor. Pudor, “Scham”, e não compaixão, “Mitleid”. A compaixão é indigna, é presunçosa, não deixa dor ser dor. A compaixão avilta. A crítica de Nietzsche à moral (= religiosidade e metafísica) cristã, como moral da compaixão, é devastadora. O pudor resguarda a dor, respeita a dor, em si e no outro, e, assim, abre a possibilidade de dor (a dor necessária, a dor, que é a vida, o *homem-dor*, a *vida-dor*) ser dor, mesmo e sobretudo de dor se transformar, se transfigurar em ação, em atividade, em obra e, assim, se superar, à medida que se toma, se assume como medida da ação, da ação transformadora ou transfiguradora, a criação. Toda obra, toda ação humana é transfiguração de dor. A respeito de pudor, “Scham”, como o afeto condigno com dor, ver, p.ex., Zaratustra, IV, *O homem mais asqueroso* — “Zaratustra, teu pudor me honrou, me dignificou”, diz ele a Zaratustra. *Me* honrou, dignificou *minha* (do *homem mais asqueroso*) dor, a dor-homem, (é isso que diz, que *significa* o “homem mais asqueroso”), ou seja, o homem que experimenta a morte de Deus, a morte do Deus que morre de compaixão pelo homem. Por exemplo, verdade, enquanto e como adequação/correspondência, é compaixão pelo homem; metafísica, ciência é compaixão pelo homem, pela dor-homem, à medida que adequação, metafísica, ciência, *economizam, poupam* o homem do *erro*, da queda, da dor. Então, o *mais asqueroso dos homens* é também o homem que fica só consigo mesmo, só com o próprio homem (*sem Deus*, sem metafísica, sem *verdade*), só no mundo e, assim, experimenta só, em solidão radical, a dor-homem ou o homem-dor. Este tema requer uma longa e paciente, lenta, consideração e análise e não esta menção apressada, atropelada, confusa e imprecisa. Mas fica a menção e o convite ao grande, grave, essencial, *tremebundo* tema, que é este do pudor, do “pudor sagrado”, da “heilige Scham”.

escuta, de obediência nobre. Digamos mais uma vez: todo criador tem o olhar baixo, manso — grato, que abençoa. Assim, para finalizar, ouçamos esta anotação de Nietzsche, escrita no verão de 1888, quando para ele tudo já acenava para uma grande cumulação, para o grande *perfazimento* de um caminho, para *uma perfeição* — sua *loucura*, sua “Umnachtung”, seu *anoitamento* ou *entenebrecimento* — um velamento que mostra, que revela mistério. Ele escreveu, então: “Em alturas estou em casa, *heimisch*. Não cobro de mim alturas. Não (e)levo meus olhos para cima; sou um, sou alguém que olha baixo, alguém que precisa abençoar: todo aquele que abençoa, olha baixo”⁶⁰.

Amém!

⁶⁰ Cf. Nietzsche, F., KGW VIII-3, 20[53], p.362/363. O texto diz: “Auf Höhen bin ich heimisch, auf Höhen verlangt mich nicht. Ich hebe die Augen nicht empor; ein Niederschauender bin ich; Einer, der segnen muss: alle Segnenden schauen nieder...”